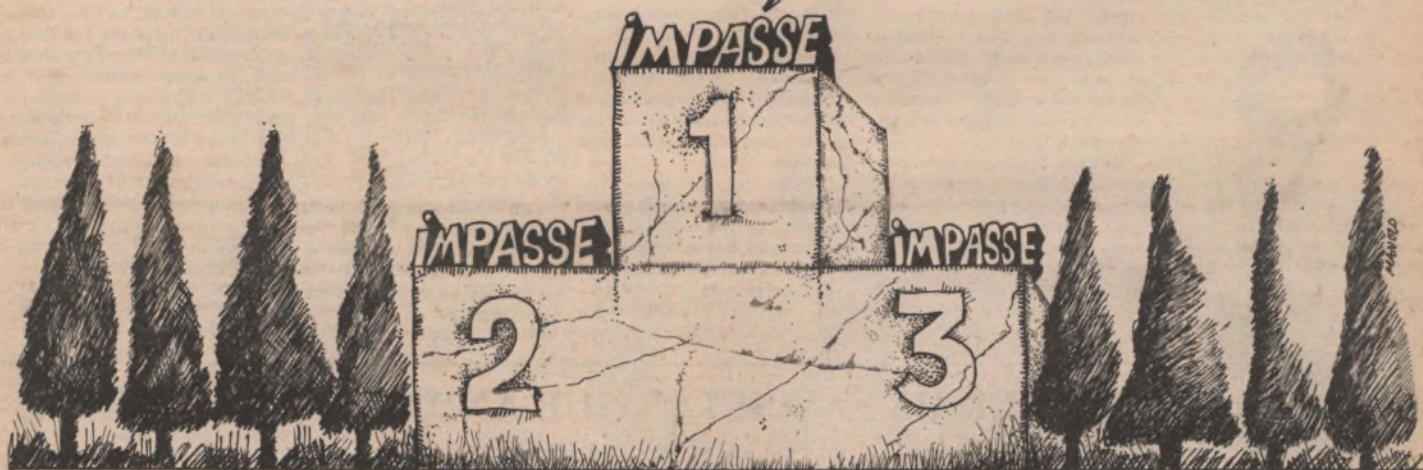


# Revolução

TRINAVIRATO



# 2<sup>o</sup>

congresso  
nacional  
- conselhos  
revolucionários  
de trabalhadores  
soldados  
e marinheiros



JAIME NEVES, LOBATO FARIA E OUTROS OFICIAIS PRESOS PELOS MILITARES DO SEU PRÓPRIO QUARTEL.

300 soldados, sargentos e oficiais votam que sim, em assembleia geral dos comandos, na madrugada de 31. Otelo envia-os para o Quartel-General.



# PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

## MEDITAÇÃO DUM OPERÁRIO

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



# Revolução

Desde o 25 de Abril que as "crises" políticas têm perturbado este "jardim à beira mar plantado e, em todas elas a classe operária tem saído sempre mais ou menos favorecida. Isto deve-se sobretudo, àquela imagem de certo modo "idilica" que o MFA tinha criado entre as massas populares. Porém desta "crise" que é sem dúvida a mais grave de todas, a classe operária saiu estrondosamente derrotada, e isto apesar de toda a "honestidade demonstrada pelo C. R."

Depois de ter feito sair um comunicado de repúdio à DITADURA DO PROLETARIADO que os conselhos revolucionários de trabalhadores, soldados e Marinheiros, haviam exigido numa manifestação, que colocou na rua mais de 40 mil operários e trabalhadores, o C.R. faz sair finalmente um extensíssimo comunicado que, pela ambiguidade política e económica, não traz nem de perto nem de longe soluções para a resolução da crise que se vive aqui neste "jardim à beira mar plantado".

Gostaria de fazer algumas considerações acerca destes últimos comunicados do C.R.

1.º E curioso como o MFA pretendendo fazer a ligação directa às bases, não aceita as organizações que as mesmas elaboram e reconhecem como suas.

2.º Claro que o MFA pretende

ligações com organizações que o defendam (cdr) e nunca com aquelas que pretendem a sua destruição (CRT) que visam a criação de um exército popular e revolucionário.

3.º Ficamos pois a saber que, o C.R. e o MFA repudiam a DITADURA DO PROLETARIADO logo, estão do outro lado da barricada do lado da ditadura da burguesia, e isto porque não há meio termo, ou se está ao lado dos TRABALHADORES ou ao lado da burguesia.

4.º Para a contrapor à DITADURA DO PROLETARIADO não se cansa o C.R. em repetir o pluralismo partidário, afirmando mesmo que são necessários (?) os partidos capitalistas para fomentar a (contra-revolução) oposição tão do agrado das forças contra-revolucionárias que praticamente não foram tocadas e muito menos desmanteladas.

Isto em relação ao primeiro comunicado.

Quanto ao "programa de Acção Política" muito haveria a dizer mas apenas citarei os pontos mais flagrantes.

Começa por se auto-definir como Movimento de Libertação Nacional como se tudo isto fosse uma questão de nome, e não de objectivos e medidas práticas para a sua concretização.

No capítulo da Definição política, afirma a dado passo "Não

serão admitidas organizações civis armadas partidárias ou não..." mas se for necessário para defesa do próprio MFA claro que o "Zé povinho" dará o corpo ao manifesto sob o controle do MFA. Mais uma vez se nota o medo do MFA em perder os seus privilégios de classe e, as contradições existentes no seu seio, contradições que poderão torná-lo a curto prazo como movimento contra-revolucionário.

Declara o MFA guerra aberta ao "esquerdismo" que faz o jogo da reacção (há algum tempo que já não se ouvia dizer isto) que dizem combater. O que será "esquerdismo" para o MFA? Não o sabemos, não sabemos mas calculamos, que é tudo o que põh o MFA e os seus privilégios de classe (burguesia) em causa.

Adivinha-se portanto, uma repressão mais ou menos feroz sobre os partidos de esquerda.

As medidas de carácter económico não alteram absolutamente nada a situação, antes pelo contrário, agrava-se.

Considera a máquina de estado demasiado burocratizada consequências do capitalismo, e não só.

O MFA pretende elaborar formas de organização das massas, mas como se ele é um elemento estranho não só aos problemas reais das massas assim como às suas formas organizativas.

Este "Programa de Acção

Política" é fruto duma falsa concepção de que o MFA é o "motor da revolução". Em primeiro lugar perguntaríamos que revolução?

Em segundo diríamos, que só as massas trabalhadoras são o motor da revolução, depois de feita, porque são as forças produtivas da sociedade, por conseguinte, as forças que podem desenvolver uma sociedade. Além de que não fazem a REVOLUÇÃO no gabinete como pretende o MFA.

Para terminar queria aqui mais um pormenor as forças socialistas-democráticas vêem no programa do C. R. o seu sonho consumado.

E por isso que o PS vem para a rua gritar não à DITADURA DO PROLETARIADO e como força contra-revolucionária que é, arrasta consigo as demais forças contra-revolucionárias, PPD, CDS, PPM e AOC.

E em Belém que o senhor Presidente da República faz o há-rá-Kiri do MFA ao dizer "não é com armas que o pão se produz" é verdade senhor Presidente e é por isso que o MFA não é o motor da REVOLUÇÃO porque tem apenas as armas e estas estão ao serviço da burguesia.

Camaradas, desmitifiquemos o MFA e a sua linguagem paternalista.

VIVA A CLASSE OPERÁRIA

Um militante comunista Operário  
C.A.M.N.

## VARRER OS FASCISTAS QUE ANDAM POR AÍ A POLUIR O AR QUE RESPIRAMOS

Naquela terça-feira andava pelo ar qualquer coisa de estranho. Já tinha sido sábado e no Mercado do Povo em Belém, alguém dissera umas palavras saudáveis. Tão saudáveis que muitos "fachos" perderam a cor. Tão saudáveis que os burgueses adoeceram... O meu rádio tinha as pilhas quasi gastas, e eu estava também cansada e gasta. (...)

Terça-feira, 17 de Junho. Depois houve qualquer coisa que de safinou, um parafuso saltou da máquina e mais uma vez a grande máquina parou. Vai ser preciso muita afinação, e oleá-la bem. Por agora já vimos que temos máquina. E eles também viram e vão mudar de tática. Ontem à noite ouvi na rádio parte da conferência de imprensa que o sr. Soares deu no Porto - dizia ele que foi devido à sua intervenção que o CSR, proibiu as brigadas armadas. "Que não acha bem, que é perigoso, que pode haver guerra civil, que não está certo. Que há partidos armados, uns à descarada, outros a encoberto" todos menos o dele, claro...

Ora eu acho, que é na direcção

da esquerda revolucionária que ele vai agora "marrar". O velho PC já merece um pouco de descanso. Porque todos desde os MRPPs até ao PS eles têm montado a maior cacada de todos os tempos. Sei de fascistas PC Mas agora vamos assistir a voltar da manobra e será a esquerda revolucionária a sofrer o ataque. O sr. Soares na conferência de imprensa atacou abertamente a LUAR. Bem, eu nada percebia de política. Mas por mal dos meus pecados fui sempre vítima porque serva, dos mais famosos fascistas. Gonçalves Pedro, o cônego que faz parte do conselho de Gerência da R.R. foi meu patrão. Explorou a minha miséria, comeu as minhas gorjetas e por fim pôs-me na rua. Em Maio de 70. Sou uma testemunha da crueldade desse bicho. E mais, muito teria (num dia hei-de escrever sobre isto) a dizer sobre a "bondade" dos fachos. Porque eles para as mulheres de limpeza, mostram a verdadeira face. Mas é ainda sobre aquela terça-feira, que seria bom, que será preciso que não seja a última. Porque eles

estão-se a recuperar. Tomam umas vitaminas, uns tempos na praia ou no campo, e hei-los em forma novamente. Os burgueses, os fachos, os que perderam a cor; os que adoeceram com dorzinhas (com medo da nossa máquina). Da máquina poderosa que é o povo. M.N.

Desculpem esta mulher de limpeza que tanto gostaria de usar a vassoura com que varre o lixo para varrer os fascistas que andam por aí a poluir o ar que respiramos.

# Revolução

Uma vez mais o jornal "Revolução" saiu atrasado. Tal facto deveu-se à crise política na qual toda a equipe do "Revolução" se empenhou como todos os outros camaradas. As dificuldades de meios, que nos levam a ter poucas pessoas a trabalhar a tempo inteiro, e as dificuldades técnicas de tipografia, que não permitem qualquer desacerto no programa pré-fixado tornam difícil suportar as alterações provocadas pelas crises políticas.

No sentido de estudar melhor a elaboração do "Revolução", durante o mês de Agosto sairá apenas um número especial, tal como em 1974, voltando a ser semanal em Setembro.



# OS C. R. T. S. M. E A ALIANÇA POVO/MFA

A aprovação no dia 8 de Julho de 1975 do Projecto POVO-MFA veio fechar um ciclo de determinado tipo de contradições e hesitações ao nível do poder político-militar e da sua relação com o crescente poder organizado dos trabalhadores. Mas veio abrir uma nova fase da situação política portuguesa em que os campos estão mais claramente definidos. A situação clarifica-se em relação às classes e aos interesses que estão em jogo, ao mesmo tempo que nos aproximamos da vitória ou da derrota do proletariado.

A Assembleia do MFA de 8 de Julho de 1975 aprovou a ditadura do proletariado, o que não deixa de ser notável para uma assembleia constituída na sua maioria por oficiais, filhos também na sua maioria da classe burguesa. Alguns entraram ou assistiram ao 25 de Abril esperando transformá-lo no sentido da revolução socialista. Mas outros, a maior parte, fizeram apenas nessa data um golpe militar antifascista. Muitas coisas ocorreram neste país, muito a situação económica impediu a democracia burguesa, muito os trabalhadores se auto-organizaram e lutaram para que um ano depois o órgão deliberativo máximo do MFA viesse a dar esse passo.

Os defensores claros da burguesia como o PPD e os defensores camuflados como o PS foram atingidos em cheio nos interesses que defendem. A partir do dia 8 de Julho estes partidos iniciaram a guerra e desencadearam a última crise política. Crise que não acontece pelo mau génio ou pedantismo de qualquer secretário-geral ou de qualquer direcção política mas porque coexistem no seio do poder político-militar interesses antagónicos, ou seja interesses de classe diferentes.

## OS CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS

A primeira proposta para a criação de Conselhos Revolucionários surgiu num plenário de trabalhadores promovido pelo PRP-BR em 11 e 12 de Abril. Foi aí também que nasceu a ideia de se fazer imediatamente um Congresso Pró-Conselhos Revolucionários, onde trabalhadores de várias empresas e quartéis se encontrassem para estruturar os Conselhos. O Congresso fez-se a 19 e 20 de Abril, em plena campanha eleitoral, enquanto os militantes dos partidos que concorriam às eleições se entretinham numa batalha que não conduziu a nada senão à vitória da social-democracia. Estiveram presentes trabalhadores de 165 empresas e 26 quartéis.

Aí foi eleito um Secretariado Provisório, constituído por operários, soldados e oficiais das F.A.

O Congresso dos CRT's, a criação de Conselhos Revolu-

cionários e por fim a grandiosa manifestação dos CRT's a 17 de Junho, constituíram, por corresponderam a necessidades reais do proletariado, uma força poderosa que fez estremecer as estruturas do poder, levou os jornais de todo o mundo a falar nos "soviets" portugueses e obrigou o poder político a infllectir para a direita durante os dias de 18, 19, 20 de Junho, o que se consagrou no famigerado P.A.-P. (Plano de Acção Política), que há-de ter tanta aplicação como teve o P.E.S.T. (Plano Económico-Social de Transição), criado pelo Ministro Melo Antunes.

Neste sentido o projecto de aliança POVO-MFA, a que a Assembleia ficou ligada, é um texto que pode ser de uma ajuda fundamental para a organização dos trabalhadores.

mais desfavorecidas", outra coisa é sentá-las na mesa do poder e assim abdicarem dele os que o detêm. É aí que doi; é aí que dá um salto o burguês que está no fundo de muitos "progressistas".

A proposta de estrutura dos CRT's é simples e clara: para as tarefas políticas concretas e urgentes do proletariado há que criar uma organização própria - os

## O PRP-BR E OS CRTSM

O PRP-BR foi a organização que fez a proposta dos CRT's. Fé-lo à luz do dia e à vista de toda a gente. Podia ter posto um militante pouco conhecido, "discretamente" a propô-lo na Assembleia da Lisnave, e outro na da Setenave e outro na da CUF. E assim nasceriam "espontaneamente" por todo o lado.

Conselhos Revolucionários, eleitos em assembleia-geral de trabalhadores. Portanto cada empresa pode escolher a comissão que quiser, com os trabalhadores em que tiver confiança. Nada mais democrático, nada mais partidário. Mas esta coisa simples lançou a confusão e foi objecto de toda a espécie de ataques oportunistas.

Mas entendeu o PRP-BR que o devia fazer às claras. Compete exactamente a um partido revolucionário fazer as propostas que façam avançar. Um partido, como organização de vanguarda que coordena os vários polos e níveis de luta, colhe informações em vários sectores, faz a síntese entre a teoria e a prática, é capaz de

analisar a situação concreta e encontrar uma tática para o proletariado. Se assim não faz não é revolucionário. A proposta dos Conselhos Revolucionários é exactamente a resultante dessa capacidade de avançar uma tática. É uma proposta dum partido à classe operária.

Mas a própria estrutura dos CRT's, por ser resultante de eleições nos locais de trabalho, exclui qualquer controlo partidário. E os conselhos têm de obedecer às assembleias que os elegeram e não a qualquer partido. E no dia em que não cumprirmos a linha da assembleia serão demitidos.

Dizer-se que os CRT's eram controlados pelo PRP-BR é uma afirmação de má-fe que só pode ser feita por quem quer confundir vários sectores, faz a síntese entre as massas, com qualquer propósito de esconder.



## AS RESPOSTAS PARIDÁRIAS, A QUESTÃO DOS CONSELHOS, CDRs E OUTROS

Em 16 de Maio surge pela primeira vez o termo CDR (Comités de Defesa da Revolução) aplicado à revolução portuguesa. Tal expressão aparece num artigo do jornal "O Século" e aí se sugere que a estrutura de aliança Povo-MFA deverão ser os CDR'S, a semelhança das "iniciativas do MDP-CDE" e da "actuação do PCP nas barragens do 28 de Setembro e 11 de Março". A partir daí surgem os CDR'S. Muito "proletariamente" nascem sucessivamente entre os actores de teatro, os bancários e outros serviços. Só a Sorefame é uma excepção importante.

Os CDR'S eram constituídos por auto-nomeação. Isto é: um grupo de trabalhadores chamava-se a si próprio CDR, fazia um papel a explicar o que era tal organização e punha no fim que naquela empresa os trabalhadores A, B, C, D eram do CDR e que quem quisesse podia inscrever-se. Resultado... E claro de ver: os trabalhadores A, B, C, D eram do partido político que pro-

punha os CDR. E os que se inscrevessem seriam os que quisessem. Gente boa alguns. Outros... todos os ex-ANP e ex-Legião, que assim se "limpavam" do passado. Enfim, os trabalhadores dos CDR'S não eram eleitos pelos seus colegas, mas sim nomeados por si próprios.

Os promotores dos CDR'S tentaram levar a população a acreditar que a sua proposta era a proposta do MFA. É assim que surgem frases ambíguas que sugerem essa relação, em vários documentos. Dentro do MFA (que é largo e diverso...) também houve quem quisesse estabelecer a confusão. É assim que aparece o "texto n.º 14 do "Gabinete de Coordenação do MFA", onde se pode ler "Assunto: os comités de Defesa da Revolução em Cuba". Claro, é em Cuba. Mas já Ramiro Correia não tem esse cuidado de criar distâncias e declarou em entrevista ao "Expresso" que os CDR estão no espírito do MFA. O que valeu à 5.ª Divisão ter

de fazer uma correcção alguns dias depois.

São inúmeros os textos em que essa confusão é deliberadamente provocada. Mas calculariam esses oportunistas que o projecto POVO-MFA viria a eliminar definitivamente os CDR's? Decerto não calculavam e jogavam no oportunismo e na manobra habituais.

Surge também o MES que perante os CRT's e os CDR's lava as mãos e diz "falsa opção". Faz depois toda a teoria de submissão às organizações já existentes, demite-se de avançar o que quer que seja como passo à frente na organização do proletariado para a conquista do poder e tece considerações sobre os CRT's. Ai será curioso voltar atrás e trancrever as "Tarefas imediatas" e os "objectivos" dos CRT's aprovados na plataforma final do Congresso, a 20 de Abril e que se podem ver publicados no "Revolução" a 23 de Abril.



# OS C. R. T. S. M. E A ALIANÇA POVO/MFA

Continuação pág. 3

1.º Esclarecimento por parte de militantes revolucionários operários e militares, da situação política, económica e militar do nosso país.

2.º Eleição imediata dos Conselhos Revolucionários em todos os locais de trabalho, quartéis e locais de habitação.

3.º Estreitamento de relações entre trabalhadores e militares revolucionários.

## OBJECTIVOS DOS C.R.

1.º Organizar e armar a classe urgentemente para o esmagamento de um provável golpe reaccionário, tanto interno como externo, e organizar-se para a tomada do poder pela classe e exercício do mesmo.

2.º Formação de um verdadeiro exército revolucionário do proletariado.

3.º Na fase actual deve considerar-se a existência de vários partidos que organizem militantes da classe. Os C.R.T. poderão vir a ser o embrião do verdadeiro Partido Revolucionário que seja a vanguarda da classe na construção do socialismo.

4.º Chamar a si, progressivamente, o controlo, da administração, gestão e direcção nas empresas e nos campos, e o comando dos quartéis. É tarefa de cada Conselho Revolucionário definir os objectivos concretos e imediatos em cada local.

5.º Os Conselhos Re-

volucionários no poder terão como objectivo:

1.º A planificação socialista da economia que se opõe à autogestão com livre concorrência e ao capitalismo de Estado.

2.º A Revolução Cultural.

3.º Todo um plano social de alteração profunda das estruturas económicas, sociais e políticas, para a construção da sociedade comunista através da Ditadura do Proletariado.

Pois o MES diz a 17 de Junho de 1975 num documento do Secretariado da Comissão Política o seguinte:

"...Os Conselhos Revolucionários se bem que respondendo a algumas necessidades sentidas pelas massas populares, representam ainda igualmente uma via incorrecta para a construção do poder popular porque: a) cria estruturas de coordenação de órgãos ainda não generalizados e reduzi-los a meros adjectivos é falhar a batalha fundamental a travar; b) assenta numa concepção "guerrilheira" da tomada do poder desprezando as tarefas fundamentais que se colocam à classe operária, tais como o controlo da produção, das nacionalizações e o combate ao desemprego e à crise económica, e tendendo a colocar as armas à frente da política.

## QUAL O PAPEL DAS COMISSÕES DE TRABALHADORES

As comissões de trabalhadores formaram-se logo a seguir ao 25 de Abril para substituir os sindicatos, que não cumpriam o seu papel. As comissões de trabalhadores transformaram-se assim em verdadeiras comissões sindicais, lutando pelas reivindicações dos trabalhadores.

Os sindicatos vão morrendo e o seu Congresso ter-se-ia passado na mais obscura clandestinidade se não fosse a presença de oficiais da Marinha e do Primeiro-Ministro na sessão de encerramento.

As comissões de trabalhadores tiveram o seu apogeu a 7 de Fevereiro, quando realizaram a sua grandiosa manifestação, contrariando a proibição do Governador Civil de Lisboa e as calúnias da Intersindical que intitulava as comissões de "maioria silenciosa". Depois do 7 de Fevereiro as tentativas de controlo partidário dentro das Interempresas levaram a que diminuísse muito o seu potencial de luta e essas lutas

partidárias viriam a culminar na reunião das Interempresas de 4 de Maio de 1975 onde se esboçou a criação duma outra coordenadora.

Há que combater esta evolução partidária e secretária das Interempresas, que infelizmente representam já muito poucas comissões de trabalhadores.

As comissões de trabalhadores, que são o órgão de base do sindicalismo vertical que o PRP-BR propõe de há muito, têm que ser sólidas defensoras dos interesses dos trabalhadores, mesmo para além da tomada do poder. Porque mesmo em socialismo, a gestão da fábrica pode ter sérias contradições com a defesa dos interesses dos trabalhadores. Por isso há necessidade de eleger comissões de gestão e comissões sindicais, mesmo em socialismo, como uma das medidas para obviar as consequências da burocracia.

## AS TAREFAS DAS ORGANIZAÇÕES DE BASE PARA O PROJECTO POVO-MFA

As tarefas descritas pelo projecto são todas exclusivamente políticas. Ora a assembleia quando elege a comissão de base tem que saber para o que elege. Quando elegeu as comissões de trabalhadores foi para tarefas de carácter reivindicativo e quanto muito para efeitos de saneamento.

Não se pode encarregar as comissões de trabalhadores automaticamente das tarefas descritas pelo Projecto POVO-MFA. Há que fazer novas eleições de órgãos destinados às tarefas apontadas no projecto. Assim a assembleia escolherá os camaradas que lhe deram confiança para

aquela função.

Por isso dizemos que há que fazer eleições de Conselhos Revolucionários. Só os Conselhos eleitos para aquelas tarefas as podem cumprir. As comissões de trabalhadores e de moradores cumprirão as suas funções próprias.



## COMO CONSTITUIR UMA ASSEMBLEIA POPULAR LOCAL

A assembleia deverá ser constituída por delegados das comissões de trabalhadores e dos Conselhos Revolucionários em número proporcional ao número de trabalhadores da empresa, delegados das comissões de moradores e delegados da unidade ou das unidades das F.A. locais. Não se deve aceitar que este delegado seja imposto, ou nomeado ou que o comando da unidade fa" valer ser comando para presidir ou ter lugar privilegiado. Por outro lado deve ser exigido que o delegado ou delegados da unidade militar sejam eleitos em assembleia-geral de

unidade e não por extractos que representam classes sociais. A democracia tem de entrar no quartel.

As duas transacções falam por si. Só há a notar a data do documento do MES - 17 de Junho. Essa é a data da manifestação dos Conselhos. Coincidência ou um esforço de antecipação... nas datas.

Esta posição traduz bem a atitude de organizações que, não passando de um grupo de estudos, se limitam a tentar uma análise relativamente académica da realidade. Como não são revolucionárias, nem estão no seio

das massas trabalhadoras, de mitem-se antecipadamente do papel de vanguarda e de avançar o que quer que seja em relação à táctica. Não põem a questão do poder para a classe e do que isso acarreta - luta, violência, conquista concreta do poder. Porque a luta do proletariado pelo poder não passa nos bastidores da política e nas secretarias de Estado. Os proletários não entram para o poder pela porta das visitas, nem se sentam distraidamente na secretaria do executivo. Entram sempre à força e levam à frente a burguesia (grande, média e pequena) e os tecnocratas...

## OS CRTSM E A ASSEMBLEIA DO MFA

Os CRTs foram apresentados pela primeira vez na Assembleia do MFA pelo capitão Nuno Ferreira, um dos oficiais do 25 de Abril, que pertence ao Secretariado Provisório dos Conselhos Revolucionários. A sua intervenção veio a receber o natural ataque dos

defensores dos CDR's e veio a custar-lhe ser "saneado" da Assembleia do MFA e substituído por outro oficial que não tinha nada a

ver com o 25 de Abril nem com nada. Assim operam as manobras de bastidores neste poder contraditório.

Ficou constituída posteriormente uma comissão que havia de apresentar em 8 de Julho o projecto POVO-MFA, que consagra o principal princípio dos Conselhos: a eleição em assembleia e a revogabilidade dos membros das organizações de base. Quanto às

tarefas definidas são idênticas às propostas na plataforma dos Conselhos como se pode verificar pela leitura dos dois documentos. É curioso também notar as diferenças existentes entre o anteprojecto à assembleia e a sua forma final, porque todas as correcções foram no sentido da radicalização. O resultado das quarenta e cinco intervenções que discutiram esse projecto foi portanto no sentido da esquerda.

Continua pág. 5





# BANCÁRIOS — QUE LUTA?

Tem-se vindo a verificar nas últimas Assembleias Gerais deste sector, uma luta que começa a ultrapassar toda a compustura e serenidade que nos habituamos a ver há já alguns anos, nos bancários.

## QUE SE PASSA?

Por um lado temos a Direcção do sindicato reformista — que sempre reinou a seu belo prazer, que sempre fez o que quis nas costas dos trabalhadores, se na frente deles sempre conseguiu o que quis manobrando-os consoante a situação que enfrentava e as ordens que recebia.

Por outro lado, surge a outra facção, (composta por socialistas-democratas e radicais de esquerda) que também quer manobrar consoante a situação que enfrenta e as ordens que recebe.

Eis o choque, de quem está no poder e não o quer perder, e de quem o quer alcançar porque se julga nesse direito dado que ganhou as eleições para a Constituinte.

A presença de militantes revolucionários (mínima) é perfeitamente cilindrada dado que

nem apoiam os reformistas nem os socialistas-democratas.

O que está em causa neste momento, afinal é "apenas" a conquista do sindicato.

Para já, surge a batalha dos estatutos e logo a seguir virá a das eleições.

Nos estatutos qualquer das facções não propõe ao sector princípios fundamentais, segundo os quais se deveriam reger, mas sim parágrafos, alíneas que mais não são do que forma de legalismo à boa maneira corporativista e que neste momento não se podem conceber em organizações de trabalhadores.

## O QUE É O SECTOR BANCÁRIO?

Ao longo dos anos, este sector sempre foi um sector privilegiado. O capital tinha como base a banca, tinha necessidade de ter nas suas mãos os trabalhadores que mais lidavam com eles os bancários. Logo todo o poder reivindicativo dos trabalhadores, era neste sector satisfeito mais rapidamente e mais substancialmente que em qualquer outro.

Os altos salários, coadjuvados pelas regalias sociais (subsídios de almoço, 13.º mês, 14.º mês etc.), são parte dos privilégios, que hoje não querem perder.

Duma maneira geral eles tornaram-se pequenos patrões, investindo nas subscrições de acções e tirando daí alguns lucros, que lhes permitiu férias no estrangeiro, bons carros e boas casas.

Claro que muitos deles não perceberam que são explorados, que o capital jogou, e que quando nos facilitava dinheiro para as acções era ainda para os explorar mais.

E eis que a maior parte deles se põe do outro lado da barricada, do lado da social-democracia.

## QUAL O PAPEL DOS MILITANTES REVOLUCIONÁRIOS?

Tomamos conhecimento da formação da comissão pró-CRTs na banca, que nos falaram dos seus objectivos.

"Lutar para que a banca seja controlada pela classe operária. Pensamos que quem deverá definir o que será a banca é o proletariado, será ele portanto que traçará as

linhas mestras de actuação. A nós os bancários compete nos o papel técnico, logo cumprir com as linhas definidas.

Neste momento, é importante que os bancários revolucionários, aqueles que realmente estão dispostos a perder os seus privilégios, que fizeram uma opção de classe, se organizem para que possam pôr em prática o nosso principal objectivo, - a banca controlada pela classe operária.

REVOLUÇÃO: Querem-nos falar do que significa neste momento "A Banca ao serviço do povo"?

— "Quando a banca tenta salvar mesmo atabalhoadamente as estruturas capitalistas como pode estar ao serviço do povo?

A que povo se refere?

Se se entende por povo os patrões, mesmos pequenos patrões, a Banca poderá estar ao serviço do povo.

Se se entende por povo a pe-

quena burguesia bancária, os empregados bancários então poder-se-á dizer que a Banca está ao serviço do povo.

Mas se o povo são os trabalhadores explorados por séculos de obscurantismo, de fome e de miséria, de incerteza como se pode pensar que a Banca, neste momento, está ao serviço do povo.

É evidente que a Banca só poderá estar ao serviço dos trabalhadores, quando estes exercerem o poder e, consequentemente, ditarem quais os serviços que a Banca deve prestar.

E pura demagogia neste momento dizer-se que a Banca está ao serviço do povo pois as suas estruturas não se modificam absolutamente nada, continua a tentar salvar as empresas capitalistas onde os trabalhadores são tão explorados hoje como ontem.

A solução deste problema só poderá ser política. Tal como disse atrás, só a tomada do poder pelo

Continua pag. 14

## OS C. R. T. S. M. E A ALIANÇA POVO/MFA

Continuação pag. 4

## A LUTA PELA DITADURA DO PROLETARIADO

A medida que o movimento revolucionário português avança, à medida que os operários despertam para os objectivos revolucionários, a construção de uma sociedade comunista através da Ditadura do Proletariado, a burguesia portuguesa e internacional encontra-se perante o facto de que a sua capacidade de manobra dentro do actual processo revolucionário se vai tornando insuficiente apesar de estar fortemente implantada no MFA e no Governo de Coligação.

Perante o avanço do proletariado, a burguesia começa a pensar seriamente na manutenção do poder que lhe começa a escapar e, uma das formas a que, inevitavelmente recorrerá, será o retorno ao fascismo, como forma única de, pela força, reprimir os trabalhadores.

Quando do recente comunicado do C.R., repudiando a Ditadura do Proletariado, assistiu-se a manifestações por parte do PS e do PPD defendendo a tese da Democracia, ou seja, da Democracia Burguesa, só que esta reacção por parte do PS, "já esperada", teve a vantagem de mostrar aos simpatizantes conscientes do PS de que lado ele estava — o que reforçou a unidade revolucionária em torno da luta pela Ditadura do Proletariado.

E por isso que a actual defesa da

Democracia Burguesa por parte do PS e do PPD, os gritos contra a Ditadura do Proletariado, mais não são que trações dos "socialistas" (PS) empenhados em assegurar os lugares no governo burguês; mas agora que a máquina revolucionária do proletariado esta em marcha, os operários sabem bem com quem podem contar para a tomada do Poder.

A determinação do Proletariado tem sido demonstrada nos últimos dias em que o proletariado, através da sua vanguarda revolucionária, saiu para a rua apoiando a luta dos camaradas da R.R. em luta contra o Episcopado reaccionário, que pretendia fazer da Rádio Renascença uma voz ao serviço da reacção.

Igualmente foi manifestado o apoio à luta dos trabalhadores do "República" contra a ingerência do PS, que pretendia continuar a fazer do jornal um pasquim da burguesia.

Perante esta situação, o Proletariado tem de se consciencializar da sua situação e organizar-se em todos os locais, fábricas e habitação, quartéis, etc.

Para que a Revolução Socialista avance, terão de se derrubar algumas barreiras que impedem o avanço. O mais difícil será o da existência de partidos que se reclamam da classe mas que na prática mais não fazem do que

dividi-la com o único fim de engressar as suas fileiras. O Proletariado não permitirá que partido algum domine em seu nome, terá que ser a classe a ir para o Poder.

Perante este facto, uma alternativa se põe à classe, organizar-se autonomamente e apartadadamente. Para isso, uma proposta foi lançada: - A criação de Conselhos Revolucionários de Trabalhadores Soldados e Marinheiros. Como organismos de base que são, já que a sua eleição terá que ser feita dentro dos próprios locais de trabalho, permitem assim o controle efectivo da classe nos respectivos órgãos de Poder Operário. Ora, como consta no programa apresentado pelo Secretariado Provisório Pró-Conselhos, os Conselhos são órgãos que visam a Tomada do Poder pelos operários e não defender o actual governo, como pretendem os CDR do PC. A vanguarda revolucionária não poderia permitir esta nova manobra dos revisas, que visam minar a unidade revolucionária contra o capitalismo.

Pela Revolução Socialista  
Pela Ditadura do Proletariado  
Viva a classe operária  
Unidade Revolucionária  
de todos os trabalhadores.

Núcleo de apoio ao Revolução do PRP-BR em Amarante

## SANEAMENTO À ESQUERDA DENTRO DAS F. A.

Além da mal disfarçada acção sobre o capitão Nuno Ferreira outras houve que revelam as contradições do poder e as manobras da direita e dos reformistas.

O capitão Sobral Costa, outro homem do 25 de Abril foi sujeito a inquérito por ter promovido uma assembleia sobre os CRTs na sua unidade. O tenente Guerra foi afastado da Comissão de Extinção

da PIDE (com mais dois companheiros) por o tenente Judas, responsável por esse serviço não admitir ai "pessoas que defendem os CRTs".

Por fim o capitão João Oliveira foi sujeito a inquérito e passado à reserva por ter participado em assembleias de trabalhadores (Lisnave e Siderurgia) defendendo os CRTs.

## AS MANOBRAS CONTINUAM

Aprovado o projecto POVO-MFA as manobras continuam. Assim procura-se aqui e ali misturar CDRs. Fazem-se assembleias ditas "populares" que nada têm a ver com a constituição aprovada e fazem-se algumas que, assemelhando-se, diferem em pontos importantes.

Está neste último caso a Assembleia da Pontinha, promovida pelo R. E. 1, que é presidida por um oficial do MFA (não eleito).

Mais grave é o caso de Setúbal em que se chama assembleia popular a uma assembleia constituída "ad-hoc" por 300 pessoas, que elegem e decidem e em que o militar presente foi nomeado pelo comando do quartel e não eleito.

Ora assembleia popular é uma assembleia de delegados das organizações de base existentes. E só esses têm direito a voto.

Idêntica deturpação se passa na Amadora, onde o próprio "estatuto" distribuído não coincide com o texto aprovado e onde a assembleia também é constituída "ad-hoc". Não é portanto representativa.

Já em Aigualva-Cacém o processo da constituição da assembleia esteve mais de acordo com o projecto, pecando só e mais uma vez por ser presidida pelo representante do MFA. Não se pode dizer que os trabalhadores têm de tomar o poder e depois pôr o MFA, muito paternalisticamente, a presidir e a "explicar". Nas zonas industriais têm mais os operários que explicar às Forças Armadas e que dinamizá-las que vice-versa. Como é que se fala em tomar o poder se logo ali, na primeira assembleia, não se cede, na prática, o poder?



# SOBRE O PLENÁRIO DOS TRABALHADORES DA JUDICE FIALHO - PORTIMÃO

No dia 21 realizou-se em Portimão, na Fábrica de Conservas de S. José, propriedade da Judice Fialho, um plenário de trabalhadores. Este plenário reuniu cerca de 1000 trabalhadores dos vários ramos da Companhia.

Os operários da Fábrica de Sines, fizeram-se deslocar em autocarros alugados a fim de estarem presentes a este importante plenário. Dada a grande distância, os trabalhadores de Matosinhos e de Peniche, na impossibilidade de se deslocarem enviaram 2 representantes.

## A LUTA ENTRE O TRABALHO E O CAPITAL

"O camarada Soares fez uma exposição sobre a luta desenvolvida durante um ano. A certa altura afirmou: "há uma luta que se desenvolve entre o trabalho e o capital e quem trabalha tem o direito e até o dever de impor justiça".

Na sua exposição sobre os actos de sabotagem por parte da administração fez notar que "o processo movido pela Comissão dos trabalhadores está no tribunal de Portimão dentro de uma gaveta. Será que alguém se interessa para que o processo não evolua?" "A administração, vinha a Portimão só para passar férias e roubar não se interessando pela firma nem pelos trabalhadores. Em muitos casos a empresa era uma autêntica PIDE. Agora temos que obrigar os ladrões a pagar o que roubaram à casa Fialho".

## O CAPINHA, O JOÃO, O NUNES E O BARNABÉ

Outro trabalhador afirmou ser necessário que se reunissem mais vezes "agora já podemos dizer o que sentimos, mas ainda há quem nos queira fritar, há que lutar unidos contra o capital. Não podemos continuar a kpagar as burrices que outros fizeram. Lutemos por uma semana de trabalho como em qualquer outra indústria". As operárias conserveiras apenas têm a garantia de 3 dias de trabalho semanal e mesmo isto só foi alcançado em Junho. Referiu-se ainda a outros elementos reaccionários, aos lambe-botas e outro que há sombra da beatice era o chefe da Legião.

Por esta altura levantou-se um burburinho na sala motivado pela presença de um elemento não afecto à empresa. Houve quem afirmasse que a pessoa em questão era amiga do Capinha, elemento de confiança da administração, e que estaria ali para transmitir o que se passava. A pessoa em questão, porém, dirigindo-se à mesa, disse

A mesa era presidida pelos camaradas: Bicheiro, Soares, Pires e Neves e na mesma estavam representadas as fábricas de Peniche, Sines, Matosinhos, Portimão, Ferragudo e Estrumal assim como as secções de lata vazia, estaleiro, serralharia, garagem pesca e escritório.

Logo no início houve uma chamada de atenção para uma vigilância imediata sobre possíveis traidores que estivessem ali para transmitir informações à entidade patronal.

Mais tarde referindo-se à situação política criada após o 25 de Abril disse ser necessária a união entre todos os trabalhadores, "não podemos continuar a pensar de maneira egoísta, temos de pensar em termos de comunidade e só assim poderemos organizar o processo de luta face ao movimento político.

Houve depois a intervenção de outro trabalhador, o Pires, que se referiu a um actual administrador e à sabotagem (venda de mercadoria a preço inferior ao da produção) tentativa de fecho das fábricas e consequente perda de trabalho para cerca de 2000 de trabalhadores e da tomada de posição dos mesmos conseguindo um crédito de 10.000 contos para a firma.

pertencer a uma comissão de moradores e era apenas nessa qualidade que ali estava. Esta razão não pareceu satisfazer muitos dos presentes, mas aceitou-se que continuasse a assistir ao plenário.

Após a calma ter regressado à sala o mesmo trabalhador continuou: "Camaradas, temos que estar vigilantes. O gerente de Sines não merece a nossa confiança. Aqui em Portimão ainda há o Capinha que não gostou de ver o retrato do Lenine afixado por um trabalhador. Temos que policiar todos os duvidosos. Temos que fazer pressão para que o governo intervenha e o João e o Nuno não levem mais dinheiro." (estes elementos eram da administração saneada). "O Barnabé moveu um processo à firma e exige 300 contos de indemnização. A lei diz sim... nós dizemos não!".

Com isto os trabalhadores aplaudiram brilhantemente aliás quase todas as intervenções foram muito aplaudidas e notou-se que os trabalhadores estão dispostos a lutar.

Porém, verificou-se novamente a agitação em virtude de o elemento que disse pertencer a uma comissão de trabalhadores continuar na sala e nesse momento estar a tirar apontamento. Desta vez os tra-

balhadores foram mais impetuosos e resolveram pô-lo na rua. Soube-se mais tarde ser aquele um militante do PC que tirava notas para o jornal. Estranhou-se que não se tivesse identificado como tal.

## CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS

Houve depois a intervenção de um moco trabalhador, o Helder Neves que falou sobre organizações de trabalhadores.

Fez depois uma profunda análise do momento político afirmando que as massas trabalhadoras é que são a cabeça da revolução.

Na sua análise o camarada Helder Neves abordou longamente a possibilidade de uma intervenção imperialista no nosso país, considerando a necessidade de os trabalhadores estarem organizados e armados para defender o que lhes pertence e até a vida. O reformismo de certos partidos e as lutas partidárias e a nível de cúpula que lancam os trabalhadores uns contra os outros dividindo a classe e pondo assim explorados contra explorados. A manipulação das massas trabalhadoras por partidos que se dizem da classe e que afinal não servem senão para defender linhas de acção que na maior parte dos casos nada têm a ver com os trabalhadores, foi também analisado profundamente por aquele trabalhador que terminou colocando na mesa uma proposta para formação de Conselhos Revolucionários nas fábricas da empresa e outras repartições.

Após esta intervenção teve outra vez o camarada Soares que, reportando-se ao mesmo assunto disse: "camaradas, os Conselhos Revolucionários de trabalhadores são uma necessidade. São os trabalhadores que produzem tudo e somos os únicos capazes de trabalhar a sério para o bem de todos. Consequentemente somos nós os que temos que defender o que produzimos para o bem de todos. Se não nós acautelamos, qualquer dia aparece para ai um Pinochet que nos limpa e arranca a cabeça. Não são só os filhos dos ricos que podem ser advogados e doutores como acontecia até agora; são todos".

"Dantes a PIDE era o cão de guarda de meia-dúzia de ricos, agora temos que ser nós a guardar aquilo que nos pertence de direito. Não podemos deixar que continue esta situação de injustiça em que os palacetes dos ricos são uma afronta à miséria dos pobres que não têm uma pinga de água para lavar os olhos. Ainda há os que querem mijar e têm que o fazer à

noite na rua e por outro lado os fascistas que levam a vida a rezar e a dizer que o Nosso Senhor é o melhor do mundo."

"Camaradas, só agora é que a NATO, a América, a França, a Alemanha dizem que Portugal é um perigo. Perigo de quê? perigo por o povo dizer que tem fome, que quer estudar que quer ser inteligente e não embrutecido como até aqui?"

"É por tudo isto que é necessário a formação de Conselhos Revolucionários na Judice Fialho."

"A comissão de trabalhadores já disse à antiga administração que ou eles pagam à empresa ou os trabalhadores ocupam o palacete que ele tem na Praia da Rocha. O Baracho depois de saneado continuou a receber salários. Não podemos deixar que receba nem mais um tostão. Se for necessário vamos todos ao Ministério do Trabalho. Os ladrões já não têm cá lugar."

"Temos que exigir camaradas, que não seja pagm nem mais um tostão ao Barnebé que foi saneado da Fábrica de Peniche, nós já corremos com o Barnabé e se o juiz lhe der razão, também podemos correr com o juiz de lá para fora. Contra a razão da lei está a razão da lei."

"Temos este comunicado que vamos distribuir e enviar a todos os órgãos de informação para que todo o país tenha conhecimento da nossa luta. A nossa luta é uma luta justa e se eles não fazem as leis revolucionárias somos nós que as faremos."

**UMA SÓ  
SOLUÇÃO  
REVOLUÇÃO  
SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**

"Dando agora seguimento à proposta aqui do amigo Neves quanto à formação de Conselhos Revolucionários quem não está de acordo que levante o braço."

Por não haver nenhuma oposição ficou considerado que ninguém discordava da formação dos Conselhos.

## TRABALHO DE ESCRAVO

Foi depois a vez de um trabalhador, representante da fábrica de Peniche tomar a palavra. Quis ele referir-se à luta travada a nível da fábrica da qual era representante. Entre os exemplos das injustiças na vigância e mandou que aquele trabalhador carregasse todo o carvão existente na fábrica para a caldeira. Ora este serviço levaria cerca de um ano. Isto fez com que os trabalhadores finalmente, tomassem posição e saneassem o Barnabé. Os trabalhadores deslocar-se ao Ministério do Trabalho que considerou dever-se sanear o homem. Dos trabalhadores apenas uma comadre do Barnabé se insurgiu contra e insultou as trabalhadoras, as quais, tomando posição, caíram-lhe em cima o que levou aquela comadre a não mais comparecer ao trabalho e ir para o tribunal exigindo 120 contos os trabalhadores não podem deixar que isto aconteça. Trata-se de uma latase-bo de um carrasco dos trabalhadores".

Aquele trabalhador exortou ainda todos os camaradas para vigilância e unidade na luta.

Houve depois pequenas intervenções de outros trabalhadores representantes de vários locais da empresa.

**UMA SÓ  
SOLUÇÃO  
REVOLUÇÃO  
SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**



# CRISE POLÍTICA

A situação de ruptura que se vive a nível do poder político-militar materializou-se, entre outras coisas, no projecto de ligação Povo-MFA, recentemente aprovado pela Assembleia deste Movimento. A ofensiva desencadeada pelo PS e a saída confirmada do PPD do Governo clarificam a situação e colocam os revolucionários perante a tarefa urgente de encontrar soluções concretas, de modo a que tudo reverta a favor do proletariado e contra a reacção e a burguesia.

A actual ruptura só reverte a favor duma perspectiva revolucionária se imediatamente forem tomadas medidas de carácter económico que transformem radicalmente a estrutura da economia deste país, cortando com as dependências do Imperialismo, reconvertendo sectores e distribuindo os sacrifícios igualmente por todos; estas medidas têm de estar ligadas a uma clara definição do poder político, com uma posição de classe definida e que corresponda ao mesmo espírito que fez aprovar o projecto de ligação Povo-MFA.

Preocupa-se grandemente este Partido com a conjugação das várias movimentações que de um modo ou de outro vão constituindo uma ofensiva da reacção. A agitação e organização da pequena e média burguesia, a cujos interesses de classe corresponde a política anti-proletária do PS, constituem um suporte social, importante para uma manobra de conjunto da reacção. É este mesmo PS que diz agora que "o Povo não está com o MFA", que apoiou o MFA de Spínola e que geralmente esteve com o MFA quando ele assumiu posições reacţionárias e contra quando ele assumiu posições progressistas.

Por outro lado, as organizações armadas de direita dão mostras de desenvolver e consolidar a sua estrutura.

Mas pensa o PRP-BR que, tal como disse no passado, o grande perigo é uma intervenção imperialista para a qual as citadas movimentações e as organizações armadas de direita podem constituir um pretexto e um suporte. Por isso pensa este partido que as classes trabalhadoras e as forças progressistas (políticas e militares) se devem preparar para uma defesa generalizada contra um inimigo forte. Se aos militares progressistas se exigem medidas firmes neste momento, no entanto, há que caminhar rapidamente para a construção de um exército revolucionário popular.

Considerando todos estes perigos e a necessidade de se tomarem medidas claras e rápidas, o PRP-BR vem, no entanto, advertir contra possíveis campanhas alarmistas e contra o espírito boateiro, que em nada contribuem para a clarificação da situação actual.

A presente crise não se poderá resolver sem uma opção clara e definida, incompatível com habilidades e conciliações, e baseada na unidade dos trabalhadores e dos militares progressistas. Esta opção tem de ser assumida rapidamente, sob pena de graves riscos para todas as forças progressistas deste país.

O Secretário Político do PRP-BR



Mas a par da burguesia há toda uma vasta zona de "inocentes". Entre eles os trabalhadores do Norte, que não podem ser metidos no saco do "fascismo" e "reacção".

Alguns dos confrontos já ocorridos no Norte do País, o clima de excitação que se tem propagado e os incitamentos à confrontação, são neste momento dados que se podem tornar numa perigosa escalada para uma situação de agitação e um clima de guerra civil que sirva de suporte a graves intervenções reacţionárias.



A burguesia vai às manifestações do P.S. Ai o bom tom predomina, sobretudo nas de Lisboa. A burguesia compreende que a direcção do P.S. lhe defende um lugar ao sol. Não compreenderão as bases trabalhadoras do P.S. que fazem o frente à burguesia?



As populações rurais atrasadas do Centro e Norte do país não ganharam nada com o 25 de Abril. Não lhes deem palavras. Dêem-lhes coisas concretas: adubos mais baratos, acabar com as redes de intermediários. É urgente tomar medidas em relação aos pequenos camponeses. O seu descontentamento transforma-se em revolta contra o poder central (e o PC para eles é poder central) e é um campo óptimo para a contra-revolução.

As movimentações de massas do P.S., servem de suporte social para manobras reacţionárias e fomentam o anti-comunismo indiscriminado. Mas não podemos assimilar as bases de trabalhadores daquele Partido com o fascismo, não podemos rotular de reacção, as massas de trabalhadores que, por um motivo ou por outro, aderiram às posições do P.S., como é o caso do Norte. Por outro lado, há que fazer uma nítida distinção entre as bases e as cúpulas. Há que evitar a todo o custo que a provocação e a confrontação atirem para os braços da reacção e do fascismo com largas massas de trabalhadores, especialmente no Norte e Centro do País. Aqui, fazemos uma referência especial aos pequenos camponeses que é necessário não colocar na posição de inimigos da revolução.

Pesando estes factores, considero o PRP-BR que cabia à autoridade militar, evitar quaisquer confrontações entre civis. Por isso, os militantes deste Partido tiveram a orientação de Norte a Sul do País, de não se envolverem em qualquer bargagem, a não ser por pedido expresso dos militares.

Não compreendemos pois como se continuaram a fazer bargagens de civis e a incitar à sua formação, já depois do COPCON as ter proibido. Nem tão pouco, como determinados órgãos de Informação se fazem eco desses incitamentos.

E também criminoso a onda de boatos, alguns claramente desmascarados, como é o caso do suposto cerco de Chaves, propagado a coberto de organizações políticas.

A vigilância popular, a capacidade revolucionária dos militantes tem que se preparar, sim, para resistir pelas armas, mas de uma forma disciplinada e organizada, a qualquer intervenção de organizações armadas de direita, que podem ir desde o ELP e congéneres, até a uma intervenção imperialista. Para isso, sim, há que pensar na organização dos revolucionários, mas a sério, e para uma luta de vida ou de morte, e não de forma indisciplinada e clubista como se tem verificado em vários sítios, nas últimas horas.

A provocação e a confrontação, são pretextos para um clima propício à intervenção imperialista.

A ruptura, que tem de se dar, não é antecipadamente na rua. Ela tem de se dar, por uma clara definição do poder político e por medidas radicais de carácter económico. A ruptura tem de começar por aí, para que os revolucionários possam ganhar a partida. Confrontos antecipados podem resultar na derrota e conduzem decerto à divisão entre os trabalhadores, quando o que é necessário é fazer a divisão entre a burguesia e o proletariado.



Vila Nova de Barónia

# POR CADA MIGALHA DE PÃO ROUBADA, UMA CHICOTADA



É de terras do Alentejo onde o sol bate duro, que descansadamente à mesa de um café ou esplanada com groseira e palhinha, se tecem as mais variadas opiniões sobre o modo de viver desta gente cujos rostos têm a cor da terra que com tanto carinho trabalham.

E através do contacto directo com estes trabalhadores, do diálogo franco e aberto ou, experimentando até algumas vezes as mesmas condições de duro trabalho que se tem, e só depois, a noção prática de como se vive ainda em algumas zonas.

Rio Seco de Charepe propriedade riquíssima em azeite, cortiça, trigo, gado, etc. era até há, bem pouco, pertença de um grande agrário e fascista Guilherme Gião, assim como servia também de coutada para as grandes caçadas em que tomavam parte Marcelo e Tomás. Mas os trabalhadores decidiram que o plão servisse mais de alimento para a boca peçonhenta dos fascistas, e revolucionário ocuparam o feudo.

Nem as armas assassinas (Souza da Sé) dos agrários reaccionários e ladrões os fazem parar na sua justa luta pela conquista da terra que por direito lhes pertence. Os trabalhadores agrícolas do Alentejo sabem que a luta é de vida ou de morte, que o perigo da intervenção imperialista paira sobre as suas cabeças, que a reacção interna se organiza mas, dizem eles estão

decididos a defender o seu direito à terra de armas na mão. Assim, ao termos conhecimento de mais um caso que para nós significa avanço no processo de desenvolvimento da luta de classes, "Revolução" foi até Rio seco de Charepe e ouviu a comissão dos tralhadores ocupantes.

**REVOLUÇÃO:** Como primeira pergunta gostávamos que nos dissessem se já antes tinham pensado na ocupação ou não?

**RESPOSTA —** Já anteriormente tínhamos discutido todos juntos (26 homens e duas mulheres) se deveríamos ou não fazer a ocupação, o que não se fez, porque houve desmobilização de alguns camaradas. Isto foi o bastante para contagiá-los e por isso nada se fez.

**REVOLUÇÃO:** Concretamente quais os motivos que vos levaram a ocupar Rio Seco de Charepe?

**RESPOSTA-** Bem, como sabe, a reforma agrária nunca mais sai e entretanto os latifundiários vão-se abotoando com o dinheiro da venda da seara, dos gados etc... E quando damos por eles já estão em Espanha gozando à grande e à francesa com o fruto do nosso trabalho, enquanto a gente aqui somos sempre uns explorados. Portanto decidimos apanhar isto já porque para mais tarde corriamos o risco de apenas aqui encontrar a terra (Não a podem os bandidos



levar para Espanha, senão...). E mais, quem nos diz a nós que todo esse dinheiro tão violentamente roubado aos trabalhadores não servirá para preparar um ataque contra os mesmos trabalhadores?

**REVOLUÇÃO:** Querem dizer então que a cajadada foi em cheio?

**RESPOSTA-** Sim! Os trabalhadores quando estão organizados e querem, tudo é mais fácil. Além dos 1.449 hectares (área do terreno ocupado) temos ainda 4 tractores, 1 ceifeira de-bulhadora e material agrícola diverso.



**REVOLUÇÃO:** Como assalariados que sempre foram pensamos que os camaradas não terão disponibilidade financeira que vos permita aguentarem-se por muito tempo uma vez que agora não terão um salário semanal como vos pagava o patrão. Como vão fazer?

**RESPOSTA-** Bem, sempre há um ou outro que com grandes sacrifícios e privações conseguiu fazer algumas economias ao longo de anos de trabalho e, como todos sabemos o que foi passar fome e miséria decidimos que esse pouco dinheiro fosse para pagar aos mais necessitados enquanto esses que podem esperar mais algum tempo esperam.

Temos em armazém à volta de 150 molhos de aveia e 1600 sacos de trigo, que nos renderá cerca de 700 contos. Também já falamos com os senhores do grémio para que nos venham buscar o trigo e como há camaradas a quem o reaçã devia perto de 14 000\$00 e temos de lhes pagar (o que é justo) esse dinheiro virá aliviar-nos bastante.

**REVOLUÇÃO:** E de gados como estão?

**RESPOSTA-** Vacas vermelhas temos 126 sendo a maioria

afilhadas (com cria), temos 58 novilhos com uma média de 350kg cada, 120 porcas criadeiras e 200 leitões; ovelhas são 300. Podíamos ter mais ovelhas mas nos meses de Abril e Maio foram de cá retiradas 88. Disseram que era para tosquia e que estavam secas o que era normal mas em troca mandaram 5 carneiros. Ora, isto é vigarice e portanto decidimos por fora daqui os vigeristas. Houve também uma tentativa de levar para Reguengos, onde mora o Gião, uma camioneta (que pena ela não estar cá) carregada com sacos de aveia o que não aconteceu porque a gente impedimos a sua saída e até



obrigamos que a descarregassem. Como vê, muita coisa se tem passado aqui fora, que a gente não sabe.

**REVOLUÇÃO:** Constou-nos que os camaradas não queriam cá o feitor. Como eram as vossas relações com ele?

**RESPOSTA-** Os feitores são lacaios dos latifundiários e também exploram os trabalhadores. Esse senhor veio para cá (tem 20 anos de casa) com as calças rotas no cu, hoje, já tem o seu belo automóvel e parece que há pouco tempo comprou um prédio de três pisos. Foi com o dinheiro do seu trabalho? De certo que não! Sugando-nos o sangue e roubando o pão aos nossos filhos, esse pirata chegou a enriquecer. Sabe o que ele fazia também no tempo da apanha da azeitona? Punha-se aqui no monte com uns binóculos a espreitar a gente, e ao fim do dia tinha apontado todas as vezes e a hora em que as mulheres tinham ido mijar. Também na máquina de limpar o trigo (tarara) ele punha um sinal no manipulo da velocidade, de forma a poder controlar o número de rotações (o que equivalia a tirar dos trabalhadores o máximo de rendimento, obrigando-os a um esforço para além dos seus limites).

**REVOLUÇÃO:** Logo a seguir ad 25 de Abril os jornais disseram que o Guilherme Gião estava implicado no caso Humberto Delgado, o mesmo acontecendo no 11 de Março. Por isso o Gião esteve preso já várias vezes. Que pensam os camaradas disto?

**RESPOSTA —** Não foi preciso ele estar preso para se saber que era um grande fascista. Todos os latifundiários e exploradores o são. O que ele merecia sabe a gente, porque nós é que sofremos na cama a dor aguda do chicote do carrasco. Para falar com esse bandido só de chapéu na mão e tínhamos que tirar também o cigarro da boca.

**REVOLUÇÃO:** E quando cá vinha o Marcelo e o Tomás?

**RESPOSTA-** Não me fale nisso, porque não me quero lembrar sequer das humilhações que todos sofriamos. Faziam-nos correr como cães, por esses montados fora, a enxotar as perdizes, labres e coelhos para que eles, sentadinhos à sombra, pudessem matar alguma caça à qual depois se atiravam como verdadeiros carnívoros.

**REVOLUÇÃO:** Os camaradas (5) são a comissão que representa todos os trabalhadores daqui. Como foram eleitos?

**RESPOSTA-** Pois, fomos eleitos em assembleia de trabalhadores, procedendo-se a votação de braço no ar. Fomos os mais votados o que significa que temos a maior responsabilidade nos trabalhos que se irão seguir, mas, todas as decisões a tomar serão discutidas e aprovadas por todos, em Assembleia, e a gente não faz mais que executar a vontade de todos.

**REVOLUÇÃO:** Os camaradas já pensaram que poderão cair num certo isolamento, visto nesta zona ser esta a única propriedade ocupada?

**RESPOSTA:** Já pensamos sim senhor, mas para evitar isso e para que se possa mais rapidamente caminhar para a Revolução Socialista acabar de uma vez por todas com a canalha e os parasitas, temos dito aos nossos camaradas das propriedades aqui ao lado que o que têm a fazer neste momento, se não é tarde de mais, é ocuparem eles também essas propriedades, porque só com os trabalhadores a gerir as empresas (industriais e agrícolas) armados e em ligação com os soldados e oficiais revolucionários, se pode construir a sociedade socialista que todos desejamos.

Núcleo de apoio ao Revolução da Organização Regional de Évora do PRP-BR



# LISNAVE:

## Três propostas de organização dos trabalhadores, para discussão



Apareceram na Lisnave três propostas de organização dos trabalhadores que têm necessariamente por base, análises diferentes da situação política do país. Trata-se da apresentada pelo CDT (Conselho de Defesa dos Trabalhadores da Lisnave), da apresentada pelos Conselhos Revolucionários de Trabalhadores e Marinheiros na Lisnave e por fim a proposta da UDP.

Não se pretende aqui fazer uma análise exaustiva dos três-

cumentos mas sim apresentá-los procurando salientar os pontos controversos e integrando-os nas análises políticas que cada organização que os propõe faz da situação.

Comecaremos pela proposta do C.D.T. e continuaremos seguindo a ordem de aparecimento a público das respectivas propostas.

### PROPOSTA DO C.D.T. PROPOSTA COM GRAVES LACUNAS

### PROPOSTA DO CDT — PROPOSTA COM GRAVES LACUNAS

Para introduzir a proposta do CDT citamos um elemento desse Conselho que em entrevista concedida ao jornal "República" de 18-7-75 afirma a dado momento:

"Se caminhamos para o socialismo, o controlo operário há-de estender-se a toda a economia. Mas só se pode controlar aquilo em que nós encontramos intimamente inseridos. Assim, o Estado há-de nacionalizar as empresas, tirá-las à burguesia e ao capital e colocá-las sob o seu poder.

"Ora só nacionalizar não chega as administrações que são propostas das empresas nacionalizadas são formadas por quadros que serviram o regime fascista. Assim sem o controlo pelos trabalhadores, nada feito!"

E um pouco mais tarde continua:

"O que se pretende controlar são as estruturas da empresa, de modo a pô-las ao nosso serviço e de todos os trabalhadores.

E queria chamar a atenção dos trabalhadores da Lisnave para o facto de que o controlo operário só será eficaz se for posto em prática a nível nacional".

Estas declarações parecem-nos bastante significativas pois sintetizam em linhas gerais os objectivos da proposta do CDT.

Pela forma como definem o "controlo operário", aos operários cabem funções de fiscalização num

sistema que poderá ir até a cogestão. E não como os operários a controlarem de facto a economia da empresa e do país. Isto porque a questão do poder não é levantada nem de perto nem de longe pelo CDT.

E daí a contradição, que transparece na proposta, em que cai esse mesmo elemento do CDT ao afirmar na mesma entrevista:

"Nós aqui há muito que pensamos numa forma de ligação dos trabalhadores aos soldados progressistas do MFA. Falou-se muito em Conselhos Revolucionários e Conselhos de Defesa da Revolução.

"Em principio eu estaria de acordo com ambos. Estou de acordo com a necessidade de fazer até ao fim a revolução. Estou também de acordo em, depois dela feita, a defender".

E é da fusão política que nasce uma proposta que na forma orgânica se inspira nos CRTSM, mas que para a apresentar passa por uma longa análise económica da situação da Lisnave para constatar que a indústria naval atravessa uma grave crise. Parecendo esquecerem-se que esse é um mal que afecta toda a economia deste país. E aqui passamos a citar Martins Pereira que na sua carta de demissão, diz acerca da situação na indústria:

"...A indústria "segura-se" no dia em que se "segurar" a eco-

nomia, e nesse dia "segura-se" o próprio processo revolucionário".

O problema é político. O problema é de se fazerem opções políticas. E quando se está de acordo com os CRTSM mas de que deles só se entende que são órgãos especiais, criados de propósito para fazer a revolução" (vidé entrevista CDT. "República", 18-7-75). é não compreender o processo que estamos a viver, é não saber o que significam os CRTSM. é não perceber (?) que têm que ser os trabalhadores a exercer o poder tanto político, como económico. Esta a grande lacuna, propositada ou não, da proposta do CDT. Mas ao lê-la, estes aspectos vão tomando um maior relevo.

Assim depois de caracterizada a situação actual da Lisnave, a CDT propõe linhas de acção que passam por um "debate dos problemas expostos entre delegados das Comissões de trabalhadores da Lisnave, da Setenave", bem como dos "estaleiros de Viana do Castelo, dos estaleiros de S. Jacinto em Aveiro e dos estaleiros do Mondego na Figueira da Foz além dos já incluídos na primeira fase do programa de controlo de construção naval preconizada pelo Secretariado de Estado da Indústria."

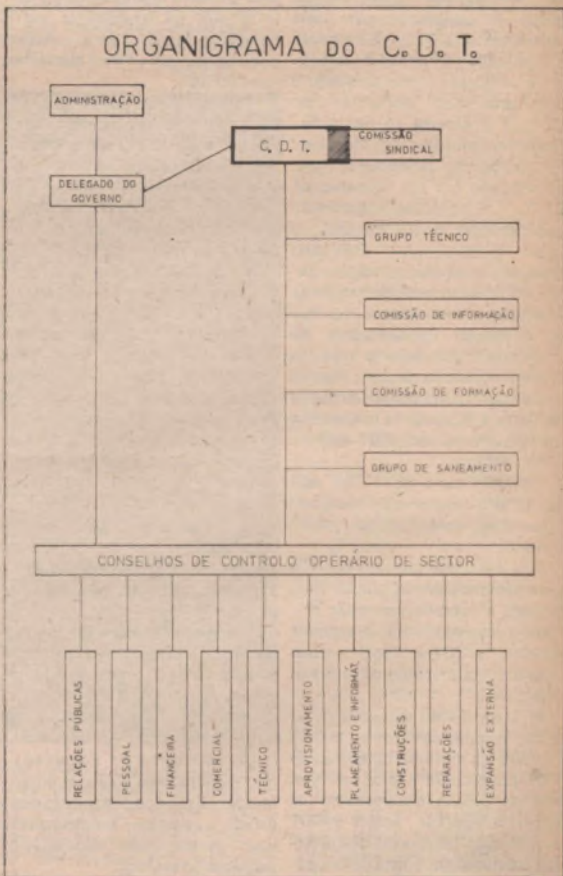
As linhas de acção preconizadas têm só a ver com o programa de controlo da construção naval e são concretizadas numa proposta de "revisão urgente do programa de controlo do sector da indústria de construção e reparação naval", de "Criação imediata de uma Comissão Instaladora a nível nacional, constituída por delegados das comissões de trabalhadores de todas as unidades produtivas do sector, com o objectivo de proceder a revisão referida" e "institucionalização e aplicação a curto prazo do Programa de Reconversão, Unificação e Controlo do sector de Construção e Reparação Naval, que resulta da revisão proposta (...) e a efectuar pela referida comissão". E isto sem deixar antes de considerar "o al-

cance histórico, político e económico das decisões tomadas pelo Conselho Superior da Revolução, após os acontecimentos do 11 de Março e as consequentes medidas a curto prazo preconizadas pelo Ministério da Indústria e Tecnologia".

Numa atitude reformista o CDT não faz mais que repetir, como um papagaio, as deliberações das instâncias superiores sem se preocupar em ter uma atitude crítica em relação a elas, que isso sim seria trazer algo de novo. Desta forma não faz mais do que reproduzir a situação actual, contri-

bundo objectivamente para a sua degradação.

O que é grave porque é na degradação da economia portuguesa que jogam precisamente as forças imperialistas. Por isso há que imprimir uma dinâmica nova a todo este processo, o que corresponde sem sombra para dúvidas a proposta dos CRTSM, que completada com o documento explicando o que são os Conselhos Revolucionários, proporciona um salto qualitativo na organização dos trabalhadores para a conquista e exercício do poder. A ela nos referimos mais adiante.





# LISNAVE:

## Três propostas de organização dos trabalhadores, para discussão

### SOBRE O PROCESSO DE ELEIÇÃO

Sobre o processo de eleição referir-nos-emos às duas propostas que sobre o assunto apontam vias diferentes: a do CDT e a dos CRTSM. Isto porque na proposta da UDP o processo de eleição é sensivelmente igual ao dos CRTSM.

Como ponto de partida, focamos um aspecto fundamental o qual decorre de posições políticas diferentes: enquanto os CRTSM focam (desde o seu início) a eleição e revogabilidade a todo o momento dos elementos eleitos em Assembleia, o CDT não aborda uma única vez esse problema o que nos leva a pensar que tal nem pela cabeça lhes passou.

Senão vejamos: a única coisa que se propõe é "a imediata reestruturação do Conselho...", e nunca uma eleição do Conselho, que portanto se considera feita. Mas veja-se o que pensam por reestruturação do CDT no ponto 1. Constituição, e no que respeita o Secretariado diz-se na al "o secretariado será composto por 6 membros do CDT". No ponto 2. Grupo Técnico e de reestruturação do planeamento diz-se: "Este grupo é constituído por estes elementos do CDT..." E no ponto 3. Comissão de Formação, define-se o seguinte: "Esta comissão é composta por elementos do CDT..." Passando ao ponto 5. Grupo de saneamento, afirma-se: "o Grupo de saneamento que, coordenado por um elemento do CDT...". E no ponto 7. Comissão coordenadora do Grupo CUF, é bem vincado que "Conforme proposta aprovada... integrou este CDT dois dos seus elementos na comissão...". Finalmente no ponto 8. Comissão Coordenadora do Programa de Controlo da Indústria Electro-metalomecânica Pesada diz-se que "Como consequência da natureza dos trabalhos executados no Estaleiro foi este CDT eleito para participar..."

Como se pode ver o CDT está em todo o lado como o apagafogos mais conhecido por bombeiro.

Pela estrutura que apresenta e pela composição que propõe lembra-nos a actual organização sindical e leva-nos a pôr a seguinte questão: o CDT é pelo "controlo operário" ou pretende controlar os operários?

Mas porque do processo de eleição se trata passemos portanto a ele. Não ao processo de eleição do CDT porque dele não se fala mas sim da eleição do Conselho de Controlo Operário. Assim o CDT propõe que: "a cada um dos diversos sectores da empresa corres-

ponderá um conselho de controlo do sector" e "sugere que os elementos que constituirão os diversos conselhos sejam eleitos democraticamente, por lista, e por assembleia de secção na base da representação das diferentes secções e o seu número seja necessário para garantir uma total cobertura do controlo operário da empresa".

Não se esquece contudo de afirmar no parágrafo seguinte que o acto eleitoral se deve basear num "critério de competência profissional e completa integração no processo revolucionário em curso" o que dá para tudo, até pa manobras. Sob este pretexto pode-se pôr um individuo eleito na rua, só porque se torna incómodo, o que não seria um facto inédito.

Além disso a eleição por lista, não é a forma mais democrática de escolha, pois numa lista pode fazer-se eleger pessoas que não são conhecidas ou são pouco conhecidas dos trabalhadores. O que não dá garantias de representatividade.

Para melhor elucidação compare-se com a proposta dos CRTSM a qual se fundamenta na democraticidade plena. Assim pode-se ler no último Manifesto dos CRTSM:

"Os CRTSM nascerão de assembleias plenárias de trabalhadores que elegerão os seus membros, respeitando as normas fundamentais da democracia operária, nomeando os camaradas que mais confiança lhes oferecerem para os representar nesse conselho."

"A eleição é revogável pela mesma assembleia que elegeu sempre que for caso disso, sito é, por incompetência ou qualquer irregularidade notada pelos eleitores. Para que os camaradas elejam apenas os camaradas em quem confiam deve, em grandes empresas, fazer-se a eleição por plenários de secções". O que é concretizado, no caso da Lisnave, da seguinte forma:

"O Conselho de Trabalhadores é constituído por trabalhadores eleitos por voto secreto em cada sector de produção, na proporção de 1 por 100".

Parece-nos ser esta a forma mais correcta de eleição pois dificilmente se presta a manobras. Pois os trabalhadores eleitos são propostos pela própria Assembleia que os elege, e não por organizações ou forças exteriores a ela. Porque se trata de acto sério e não de uma fantochada, é completamente descaída a eleição "à americana", com apresentação de listas propaganda eleitoral.

### PROPOSTA DOS CRTSM — ORGANIZAÇÃO DA CLASSE PARA A TOMADA E EXERCÍCIO DO PODER POLÍTICO, ECONÓMICO E MILITAR

Para além do que foi referido quanto à análise política subjacente a cada uma das propostas e para além do processo de eleição que reflete à partida uma visão diferente da participação dos trabalhadores, importa realçar, em relação à proposta apresentada pelos CRTSM a existência no Conselho de Trabalhadores de dois órgãos que pela estrutura e funções que desempenham mais acentuam as diferenças entre as duas propostas: O Conselho de Controlo Político e o Conselho de Controlo Militar.

Assim, afirma-se que "não existe controlo operário sem um órgão de análise e exercício do poder político", pelo que propõe "uma comissão específica dentro do Conselho de Trabalhadores", que terá como função "organizar a discussão, em termos políticos, de todos os assuntos respeitantes aos trabalhadores numa perspectiva de classe, de uma forma unitária e supra-partidária".

Esta comissão é tanto mais importante quanto estará ligada a todos os sectores da empresa através de um delegado de cada Conselho de Controlo Operário e quanto se propõe fazer "a análise dos acontecimentos que se passam no estaleiro e no exterior que interessam à classe operária em geral e aos do estaleiro em particular". «Análise política das acções desenvolvidas pelos Conselhos e Comissões» e «organizar os trabalhadores pela análise conjunta das situações e tomada de posição

pela classe para o avanço do Processo Revolucionário".

Note-se ainda que o poder dos trabalhadores se exerce a 2 níveis — ao nível dos órgãos do poder político económico e militar — eleitos democraticamente para esse fim, que têm funções de coordenação e de execução e ao nível dos órgãos que controlam esses mesmos poderes — as assembleias de controlo político, de controlo económico e de controlo militar.

Deste modo poder e controlo são exercidos pelos trabalhadores, ao contrário da proposta do CDT em que estes não fazem mais que controlar uma estrutura que, de facto é dirigida por uma administração ou qualquer outro organismo que está fora dos trabalhadores.

E por meio destas comissões de participação que todos os trabalhadores estão organizados dentro do seu local de trabalho e exercem o poder e não nenhum grupo mais ou menos cupulista em seu nome.

E que controlar uma empresa não passa de uma medida para tentar gerir melhor o capital sem pôr em causa a questão principal que é a tomada e o exercício do poder pelos trabalhadores e consequentemente a transformação das relações de produção.

Porque os trabalhadores devem estar organizados para a tomada do poder, porque neste momento quem detem o poder é a burguesia

e esta não se deixará despossar dos seus privilégios sem reagir violentamente (os factos provam-no a cada momento), os operários têm de estar organizados militarmente.

E para responder a esta necessidade que na proposta dos CRTSM, para a Lisnave, está previsto o Conselho de Controlo Militar, afirmando — se no programa que "não há garantia do avanço do Processo Revolucionário e defesa das conquistas obtidas pela luta de massas no domínio económico e político, sem uma organização conjunta da classe operária, com o seu braço armado constituído por soldados e demais militares revolucionários".

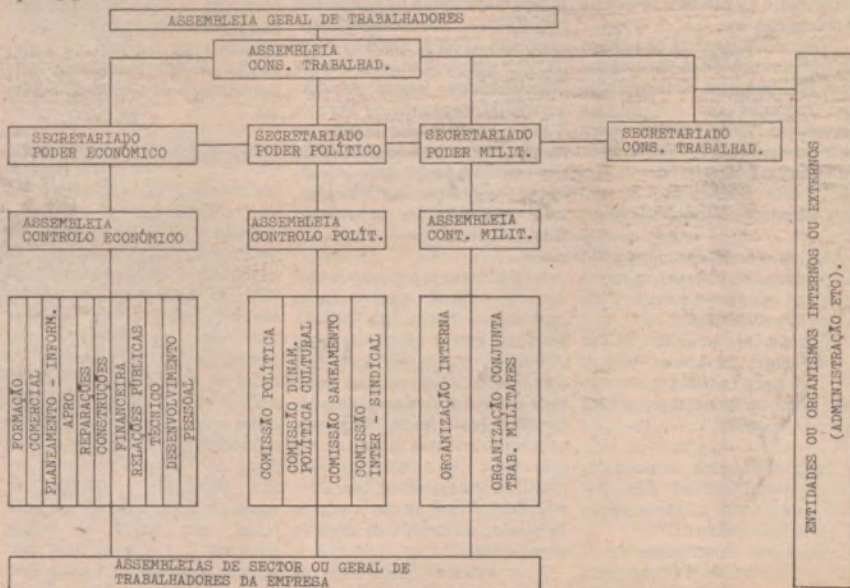
A questão do armamento será uma necessidade por duas razões — e aqui citamos o 2.º Manifesto dos CRTSM:

2.º Reclamando-se como embriões do poder os CRTSM terão de defender esse poder pela força e para isso terão de estar armados e organizados militarmente.

Conclui-se portanto que o armamento da classe é urgente pois é da ligação de todos os CRT's que nascerá o exercício revolucionário.

Esse sim, porque é constituído por trabalhadores, será o braço armado da classe operária.

Parece-nos que é através da organização dos trabalhadores obedecendo aos critérios e estruturas apontadas pelos CRT's da Lisnave e com vista a atingir objectivos bem definidos, que a classe





# LISNAVE: Três propostas de organização dos trabalhadores, para discussão

operária, e não um partido em seu nome, poderá conquistar o poder.

A tomada do poder marcará o início da revolução socialista e

atingir-se-á o tipo superior da democracia de maiorias que tem o nome de Ditadura do Proletariado - como se afirma no 2.º Manifesto dos CRTSM.

cedem-se e há que encontrar respostas rápidas que permitam contabilizá-las a favor do proletariado.

Porque o problema não é de ter paciência e esperar pela formação do partido, para a tomada do poder, pois o tempo urge e é com o tempo que a burguesia joga esperando com isso organizar-se. Trata-se sim de encontrar uma

estrutura organizativa que possibilite aos trabalhadores tomarem o poder e que dê uma resposta imediata aos graves problemas económicos que afectam o país.

É assente numa estrutura de carácter reivindicativo, e que foi eleita para isso pelos trabalhadores, que a proposta é apresentada, o que decorre do que atrás foi dito.

Como modificações à estrutura existente propõe as Comissões de Base e as Assembleias Populares Locais. As primeiras, serão as dinamizadoras do Controlo Operário, e das segundas, porque a elas não se refere a não ser no organigrama, concluiu-se que são aceites, pelo menos à priori com as funções que lhes são conferidas no documento aprovado na Assembleia do MFA.

## O QUE HÁ DE COMUM ENTRE AS DUAS PROPOSTAS

De comum entre elas, existem os capítulos referentes às funções gerais e específicas do Conselho de Controlo Operário, mais a proposta de Controlo Operário a Nivel Nacional. Desta vez foi a proposta dos CRTSM que foi buscar o texto à proposta do CDT, contudo, e é bom não esquecê-lo, as duas têm objectivos diferentes o que confere

aos dois textos um conteúdo político diferente. O que aliás parece evidente no que atrás foi dito.

Assim, poderemos afirmar que a proposta dos CRTSM é uma edição bastante modificada e aumentada da proposta do CDT, mas com uma enorme vantagem sobre esta - a de ser coerente.

## PROPOSTAS DA UDP

"Desde algum tempo a esta data, que diversos operários de várias secções do Estaleiro se vêm reunindo para discutir e analisar a situação dos trabalhadores da Lisnave. Assim consideramos que os problemas centrais dos trabalhadores desta empresa são:

1.º A crise de trabalho que cada vez mais se vem acentuando de forma agudizante:

2.º A proposta do "Controlo Operário" elaborado pelo CDT" é o que se pode ler na introdução da proposta da UDP.

E continua logo a seguir:

"Ao analisarmos o caderno do "controlo operário", viu-se este grupo na necessidade de alertar a classe, para algumas questões que esse caderno coloca a todos os operários da construção reparação naval e em especial aos operários e trabalhadores da Lisnave.

Porque em nosso entender, o caderno não é de forma alguma aquele pelo qual a classe deve orientar a sua luta contra a exploração e contra o sistema podre e caduco em que vivemos e na construção de uma sociedade mais justa e sem exploração".

Da introdução pode-se logo ver qual o tema central e a razão de ser da proposta apresentada pela UDP, e que decorreu da análise política que essa organização faz da situação. Tudo se move à volta do CDT, ou o inimigo n.º 1, embora a questão do partido esteja

também presente ainda que não explicitamente, na proposta apresentada. Acaba, essa proposta por propôr ligeiras modificações à estrutura já existente (comissões de trabalhadores, comissões sindicais, etc), aparecendo contudo como elemento novo (porque só muito recentemente começaram a referi-lo) os sectores progressistas do MFA e a questão do documento aprovado na Assembleia do MFA, da ligação POVO/MFA, do qual se diz que tomaram "por base alguns princípios apontados", para a elaboração da proposta.

Ao apresentarmos uma proposta é mais um documento para tentar rebater a proposta do CDT, os trabalhadores que propõem, incorrem, quanto a nós, num grave erro que é o de não proporem aos trabalhadores da Lisnave uma forma de organização no sentido da tomada e exercício do poder. Claro que aqui levantarão o problema da não existência do partido da classe. Mas se esse problema é importante, importa também não esquecer que o partido nascerá necessariamente da luta e da organização da classe para a luta. O que é substancialmente diferente. Com efeito, essa questão, numa altura em que existe uma crise tremenda a nível da estrutura do capitalismo, aqui em Portugal, transforma-se num entrave para o avanço da organização dos trabalhadores, pois as crises su-

## EM CONCLUSÃO

As três propostas de organização, apresentadas para discussão aos trabalhadores da Lisnave, para lá das deficiências de uma ou de outras para lá de estarmos mais de acordo com uma do que com as outras por razões ideológicas, representam três

correntes importantes dentro do movimento operário português. Da discussão e da aprovação de uma delas, ou da aprovação de uma proposta que seja a conjugação delas, nascerá certamente uma forma prática de organização dos trabalhadores que por se passar

num sector de ponta da indústria deste país, trará certamente um salto qualitativo na luta dos trabalhadores portugueses para a conquista do Poder, para a derrota do Imperialismo, para a instauração da ditadura do proletariado.



## SEGUROS FAZER UMA OPÇÃO DE CLASSE

Chegou-nos às mãos uma publicação emanada de um grupo de trabalhadores da actividade seguradora. Trata-se de um notável documento embora superficial, dos grupos sociais que integram a sociedade portuguesa neste momento em que a confrontação de classes atinge o seu auge: REVOLUÇÃO SOCIALISTA OU FASCISMO A CURTO PRAZO.

As posições assumidas por estes trabalhadores revolucionários são uma demonstração que estamos em tempo de opções. De grandes opções em termos de classes para a pequena burguesia e para os trabalhadores ideologicamente arrastados pela maré pequeno burguesa que submerge o proletariado deste país, é necessário definir e vencer a indecisão. Um dos lados da barricada espera as camadas intermédias da sociedade: num dos lados da balança estão os valores importantes na vida destas classes; como sejam a luta quotidiana pela promoção individual, a superação do colega de escritório, o mobiliário moderno e a alcatifa, a moda no vestir e no automóvel - enfim, a competição em termos mais modestos numa

tentativa de emitir a alta burguesia financeira.

Por outro lado temos o reconhecimento da dignidade da pessoa humana, a capacidade de desalienação em relação a uma organização social decrépita, agonizando após ter cumprido uma missão histórica, mas que se nega a morrer sem combate.

Desacreditados os "deuses" eleitoristas de sorriso cativante ou remédio milagreiro na manga, na propeção de amplos mercados sociais para a colocação de votos, os trabalhadores começaram a compreender que as receitas já não servem: "um socialismo em liberdade" - mistificação demagógica só pode servir de justificação para a "liberdade" de organizar a contra-revolução, "liberdade" de concluir com a social-democracia europeia e todos os membros da "Internacional Socialistas" - vendidos do templo e eternos traidores da classe operária!

O tempo também acabou por demonstrar "que as mais amplas liberdades não resolvem absolutamente nada para quem está interessado numa "Revolução Socialista" - a não ser impedir na prática essa mesma REVOLUÇÃO

e controlar o operariado nem sempre "bem comportadinho". Cada vez é mais claro ao operariado e aos seus militantes conscientes, que não se pode dar "amplas liberdades" à burguesia - esta não está interessada na REVOLUÇÃO, mas sim em manter os seus privilégios de classe.

A resolução da situação económica passa pela REVOLUÇÃO SOCIALISTA: ai sim, teremos lado a lado os trabalhadores, soldados, marinheiros, pequena-burguesia como opção de classe, os camaradas que subscreveram o Comunicado de seguros. Esta frente de combate e a capacidade de dar resposta aos interesses da classe camponesa, são os elementos capazes de levar para a frente uma AUTÉNTICA REVOLUÇÃO SOCIALISTA SOB A DIRECÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA.

tante luta de classes e dos seus traidores. Paredes meias com todos os Kautskynianos, Bernsteínianos e companhia existentes em todas as épocas.  
A. E. S. M.





# ANGOLA

## CLARIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO



Como havíamos já escrito no *Revolução*, só através da luta armada é que a situação em Angola se podia clarificar.

Com efeito, a luta que há 15 dias ocorreu nesta ex-colónia portuguesa foi bem a prova de que a actual fase de luta do povo angolano - que é a continuação directa da luta de libertação nacional - só pode ser resolvida através da luta armada.

E todos os apelos, que se pretendem acima dos partidos (isto é, acima das classes) no sentido de que os três movimentos harmonizem os seus interesses e caminhem em paz até, pelo menos, à data prevista para a independência - 11 de Novembro - foram, uma vez mais totalmente esfrangalhados, mostrando bem como é absurdo e idiota pretender o entendimento entre movimentos que traduzem interesses de classes antagónicas.

Por outro lado, a quase totalidade da imprensa diária portuguesa que aquando do Acordo do Alvor havia embandeirado em arco com aquilo que afirmava ser um acordo para a paz e um entendimento tácito entre o MPLA e a UNITA (!) mostra-se na sua generalidade incapaz de interpretar e analisar em termos correctos a natureza do problema de classes existentes em Angola.

Voltando a encher páginas a

páginas com o noticiário, por vezes contraditório, que os telex enviam para as suas redacções, a generalidade da imprensa diária portuguesa continua a não esclarecer a opinião pública portuguesa na generalidade, de um modo particular os trabalhadores, da importância que tem para o processo português a vitória dos progressistas angolanos, organizados em torno da sua vanguarda revolucionária - o MPLA.

### O MPLA RADICALIZA-SE

O avanço do processo angolano é feito paralelamente e em simultâneo com o amadurecimento e crescimento do MPLA, no sentido duma radicalização das suas opções político-militares.

E aqui é importante determo-nos um pouco.

A violência ofensiva que o MPLA TRAVOU NOS ÚLTIMOS TEMPOS CONTRA A FNLA, só foi possível porque o movimento dirigido por Agostinho Neto compreendeu que já não havia mais tempo para contemplicações e que, portanto, só a luta armada de facto, no momento imediato poderia fazer com que as coisas não se tornassem ainda mais difíceis para o povo angolano.

Para chegar até aqui teve o MPLA que conseguir ultrapassar as

diferenças de ponto de vista que, com toda a naturalidade, os seus militantes não podiam ter quanto à melhor tática a adoptar.

Sem dúvida que neste avanço político, militar e ideológico que o MPLA vem travando em Angola, cabe ao revolucionário Nito Alves comandante da 1.ª região político-militar um papel preponderante.

Homem de capacidades militares e políticas extraordinárias, Nito Alves é bem o exemplo da tenacidade e combatividade com que o MPLA tem de encaminhar a sua luta até à vitória final sobre o imperialismo e os seus agentes neocolonialistas. As posições correctas que têm vindo a ser desenvolvidas por este revolucionário cabem sem dúvida, importante papel nos últimos acontecimentos em Angola.

### O CONFRONTO VAI CONTINUAR

Do ponto de vista militar não basta, evidentemente, tomar Luanda.

Se é verdade que a expulsão da FNLA de Luanda constitui um dado importante para avaliarmos da hegemonia do MPLA no campo de batalha, não é menos verdade que a FNLA ainda controla importantes regiões angolanas (distritos do Uige e do Zaire).

Claro que para este controle tem a FNLA contado com o auxílio

incondicional do fascista Mobutu Presidente do Zaire, cunhado de Holden Roberto e ex-agente da CIA; este agente do imperialismo enviou, há cerca de uma semana uma mensagem de parabéns a Franco, por este comemorar o 39.º aniversário de chefe de Estado espanhol!

O que é, com certeza, seguro é que a FNLA não se vai conformar com a derrota sofrida, e isto por uma razão muito simples: é que o imperialismo não pode desistir de assegurar o domínio sobre Angola.

De resto, Johnny Eduardo, ministro da FNLA, declarou já em Kinshasa que a "luta final" apenas começou, o que demonstra que este movimento nazi e tribalista não hesitará no prosseguimento das barbaridades que tem vindo a cometer - e a atestá-lo estão os corações humanos, o arroz cozido com ossos humanos, e as mais diversas partes de corpos esquartejados, encontrados pelos camaradas do MPLA nas delegações e quartéis da FNLA em Luanda.

Deste modo, os recentes confrontos ocorridos em Caxito e Malanje são a prova prática que o imperialismo não pode recuar.

Contudo o facto do exército da FNLA (ELNA) se encontrar cercado no Caxito - povoação a 60km de Luanda - mostra bem a falsidade das afirmações daqueles que, como N'gola Kabangu, afirmaram que a conquista de Luanda pela FNLA era "uma questão de horas"...

### PORTUGAL E A UNITA

Enquanto isto, que posições assumirão os órgãos do Poder em Portugal? E que posição tomará a UNITA?

Até agora, e já o temos dito, Portugal tem parecido mais preocupado com a situação dos colonos brancos e dos evacuados, do que propriamente com a do povo angolano.

E o próprio Boletim do MFA já afirmou que a UNITA é um movimento com características progressistas e anti-imperialistas.

Parece-nos, caso a situação política em Portugal se vá clarificando no sentido da efectiva radicalização que termine de facto com as ambiguidades e antagonismos internos dos actuais órgãos do Poder, que Portugal deverá ter tendência para acompanhar a evolução progressista que se está verificando em Angola.

E isto passa por um reconhecimento senão formal pelos menos pragmático organização angolana progressista. E aqui os militares portugueses nunca se poderão esquecer de quem criou a UNITA e quem armou os soldados deste movimento com (G-3)...

Cabe aqui uma referência às palavras de Costa Gomes no seu último discurso:

"Em Angola teremos que pensar nas nossas capacidades de motivar as nossas forças militares".

Certamente que a motivação a que aludiu o Presidente da República não era aquela que, 48 horas depois elementos do exército português mostraram ter, quando bombardearam criminosamente a delegação do MPLA em Vila Alice...

De resto, este "incidente" mais não fez senão confirmar que alguns sectores do exército português em Angola são profundamente reaccionários.

Talvez que os órgãos do Poder saídos de mais esta fase da crise institucionalizada que temos vivido no nosso país, sejam capazes desse salto qualitativo.

Se não forem capazes disso mostrarão, uma vez mais a política neocolonialista que tem havido face a Angola, e provarão que nem sequer são capazes de entender sob ponto de vista revolucionário a interligação existente entre o processo angolano e o processo português.

Não entender isto é não entender também que à radicalização do processo angolano deve corresponder uma clarificação do processo português.

E, nesta fase da luta de classes em Portugal e em Angola, todos os "descuidos" ou "ambiguidades", venham de quem vierem, favorecem indiscutivelmente a contra-revolução.





# ESPAÑHA

## NOTAS PARA A ANÁLISE DA SITUAÇÃO

Em Portugal, o capitalismo - seja ele liberal, social-democrata ou de Estado - não tem futuro. As estruturas e superestruturas existentes não podem satisfazer as reivindicações das camadas populares, cada vez mais conscientes dos seus direitos e necessidades, nem comportar a modernização das estruturas económicas do país, de forma a que sejam pensáveis possíveis e rentáveis dentro da nova dinâmica de satisfação das necessidades. Revolução ou morte (fascismo), é a única alternativa que se apresenta.

Espanha está geograficamente aqui ao lado, mas distante do ponto de vista político. E no que respeita a informação, nem se fala... De qualquer forma, e apesar da realidade espanhola ser pouco conhecida, o que se passa aqui tem repercussões lá e vice-versa.

Qual a situação em Espanha? Por onde poderemos começar a introduzir-nos na sua problemática política e económica? Será válida também para Espanha a alternativa Revolução ou Fascismo? Ou existem possibilidades intermédias - democráticas, sociais-democratas ou de capitalismo de Estado?

Quando alguém põe estas questões a alguém empenhado em fazer uma análise materialista da sociedade espanhola, com o fim de a transformar, não a quem tenta fazê-lo de forma esquemática, o que não é mais do que a expressão de uma estratégia de tomada partidária do poder - o interrogado fica perplexo e acusa-nos de fazer metafísica política.

Eis, em resumo as questões levantadas por uma conversa que começou por esta pergunta:

— Em Espanha o franquismo não pode encontrar dentro de si mesmo continuidade. Está na defensiva - não pode tomar a iniciativa. Os maiores obstáculos para a abertura são todas as forças vinculadas ao aparelho burocrático nacional e provincial quer dos sindicatos quer do Governo e do Secretariado do Movimento (Falange). Os militares são em geral abstencionistas, estão contra o Movimento e são partidários do "Juan-Carismo".

— Franga Iribarne, antigo ministro da Informação e Turismo, põe em causa com lucidez, as possibilidades de continuação do capitalismo espanhol, em paz e prosperidade.

E põe três condições:

- 1 - Reforma constituinte
- 2 - Saneamento administrativo
- 3 - Sindicatos livres: quer pôr os operários a participar na crise, embora não participem no poder.

E isto para quê?

Para manter o ritmo de ocupação.

— Para poder utilizar os mecanismos do capitalismo europeu e ter dessa forma possibilidades de exportar capital e estreitar vantajosamente os laços comerciais com países da África e da América Latina. Isto seria bom como base para um desenvolvimento não traumático (com poucas convulsões) do capitalismo espanhol.

— Quanto ao problema do Sahara, Franco pretende resolvê-lo politicamente, até porque uma intervenção militar teria más repercussões na península. E isto coincide com os interesses da Banca e das Companhias de petróleo, electricidade, etc. O capitalismo espanhol é um dos veículos do imperialismo junto dos países árabes. Os países com os quais Espanha mantém relações comerciais mais intensas, são precisamente aqueles que estão fora da esfera da influência dos Estados Unidos da América: Cuba e Argélia.

— A satisfação das reivindicações dos operários só poderá ser levada a cabo, depois de aberta a via democrática, se:

— Houver investimentos do capitalismo estrangeiro.

— Mediante continuidade de apropriação da mais-valia, de forma igualmente eficaz embora mais subtil: desenvolver as necessidades de consumo - há que trabalhar mais, fazer horas extraordinárias para poder comprar mais. Assim se aumenta o Produto Nacional Bruto, fundamental para o desenvolvimento capitalista, sem ter necessidade de aumentar os salários; aumentam as horas de trabalho, dos que trabalham e em consequência, alguns não trabalham nada, os desempregados, enquanto os outros trabalham demasiado.

— Desenvolvimento do neocolonialismo, utilizando, se possível, os mecanismos do capitalismo europeu. Espanha, integrando-se como parte activa do imperialismo, pode participar na exploração dos povos do Terceiro Mundo.

— O regime espanhol pretende lavar a cara e afastar Franco (reliquia histórica do fascismo clássico) para aumentar os investimentos do capital estrangeiro, e incrementar os intercâmbios comerciais com países do Terceiro Mundo. Poucos países estão dispostos a pactuar politicamente com o fascismo, por causa do eleitorado.

— PREVISÕES:

— Mudança a curto prazo; Governo mais direitista que a médio prazo; a situação estaria menos deteriorada. Não obstante deseja-se e luta-se em Espanha para sem compromissos posteriores se ter a curto prazo uma ruptura que dê acesso a uma via democrática.

A direita teve uma boa oportunidade de aquando da doença de Franco, para tentar uma saída "não traumática" (que não cause graves perturbações) para o fascismo, mas "viu as orelhas do lobo e teve medo".

Uma das soluções que queriam tentar era um governo com Juan-Carlos e com personalidades democráticas, que não representassem oficialmente os partidos de esquerda, mas que travasse as reivindicações destes.

— Ao P.C., quiseram mantê-lo fora embora pretendam "implicá-lo" para que sauzise as relações de classe. Estando totalmente fora do processo, seria menos operativo na "travagem" e mais subversivo, quer o quisessem quer não. E comprometer somente o PSOE (Partido Socialista Obrero Español), seria "queimá-lo" ra-

pidamente, por causa da compatibilidade da esquerda.

— Outra possibilidade: Democracia Cristã, mais Social-Democracia, mais P.C. mais P.S.O.E.

...e depois... pensam que haverá a dissolução do Movimento (Falange), dos Sindicatos, do Ministério do Interior, sem saneamento e com simples transferência do pessoal para outros Ministérios; o pior é que o "depois" é o difícil de prever. E as hipóteses continuam até ao infinito.

A desigualdade do desenvolvimento regional, favorece a estabilidade da estrutura económica capitalista. Os desequilíbrios compensam-se. Neste momento desenvolve-se o Nordeste, Euskadi e Catalunha, e o resto está parado ou em retrocesso.

As diversas nacionalidades colocam grandes problemas à ruptura democrática. A Galiza é uma incógnita. Os trabalhadores na Galiza são todos galegos, ao contrário de Euskadi e Catalunha.

— A respeito da emigração, está-se a conseguir o retorno de forma a que não dê origem a

grandes problemas, com a complicidade do capitalismo alemão. Os sindicatos alemães, em documento recente, sustentavam que um despedimento massivo dos trabalhadores emigrantes intensificaria a luta de classes. Os estrangeiros põem menos problemas e servem de amortecedores da luta de classes na Alemanha.

Há tentativas sérias de superar a luta, o economicismo e o dirigismo partidário. Em grande já em 1970 a greve dos trabalhadores da construção foi contra a emigração. — Em Abril deste ano, por várias vezes grupos de pessoas se baricaram no Arcebispoado e em algumas igrejas. Fizeram-se assembleias em bairros, fábricas e na Universidade. Nessa altura surgiu, para manter e coordenar a luta, um organismo unitário de toda a cidade, que tomou durante quinze dias todas as iniciativas e impediu a intervenção da polícia - protegeu o desenvolvimento autónomo da luta. E houve muitas outras experiências deste tipo em toda a Espanha.

Isto dá uma ideia do que pode ser o momento de ruptura democrática.

## PORTUGAL E KISSINGER

As agências UPI e ANI difundiram no passado dia 20 de Maio uma notícia segundo a qual, aquando de um encontro entre Kissinger e Gromiko, o primeiro advertiu a certa altura que: "Os Estados Unidos embora empenhados em Soviética e a agir para evitar uma guerra nuclear, não tolerarão que Moscovo actue no sentido de minar posições norte-americanas em redor do mundo".

### DESVIOS "A DEMOCRACIA" TRADICIONAL

E curiosa (mas pouco tranquilizadora e comparação com as afirmações vindas do mesmo senhor transcritas pela agência Reuter em 17 de Julho, nas quais Kissinger teria declarado na cidade americana de Milwaukee que se sentia preocupado com as últimas posições do MFA, acrescentando que este se está a desviar dos padrões democráticos tradicionais.

Kissinger afirmou que a evolução em Portugal é cada vez mais no sentido de uma situação em que os partidos políticos desempenham um papel cada vez menor, e que as decisões são tomadas cada vez pelo MFA que tem a sua própria definição de democracia, que "é



diferente da definição que tem sido historicamente aceite".

Entretanto o New York Times, dedica o seu editorial de 17 de Julho à situação actual portuguesa, dizendo a certo passo da sua análise que "os dirigentes militares e seus aliados comunistas deram uma viragem aguda em direcção a uma democracia popular autoritária tipo Europa Oriental".

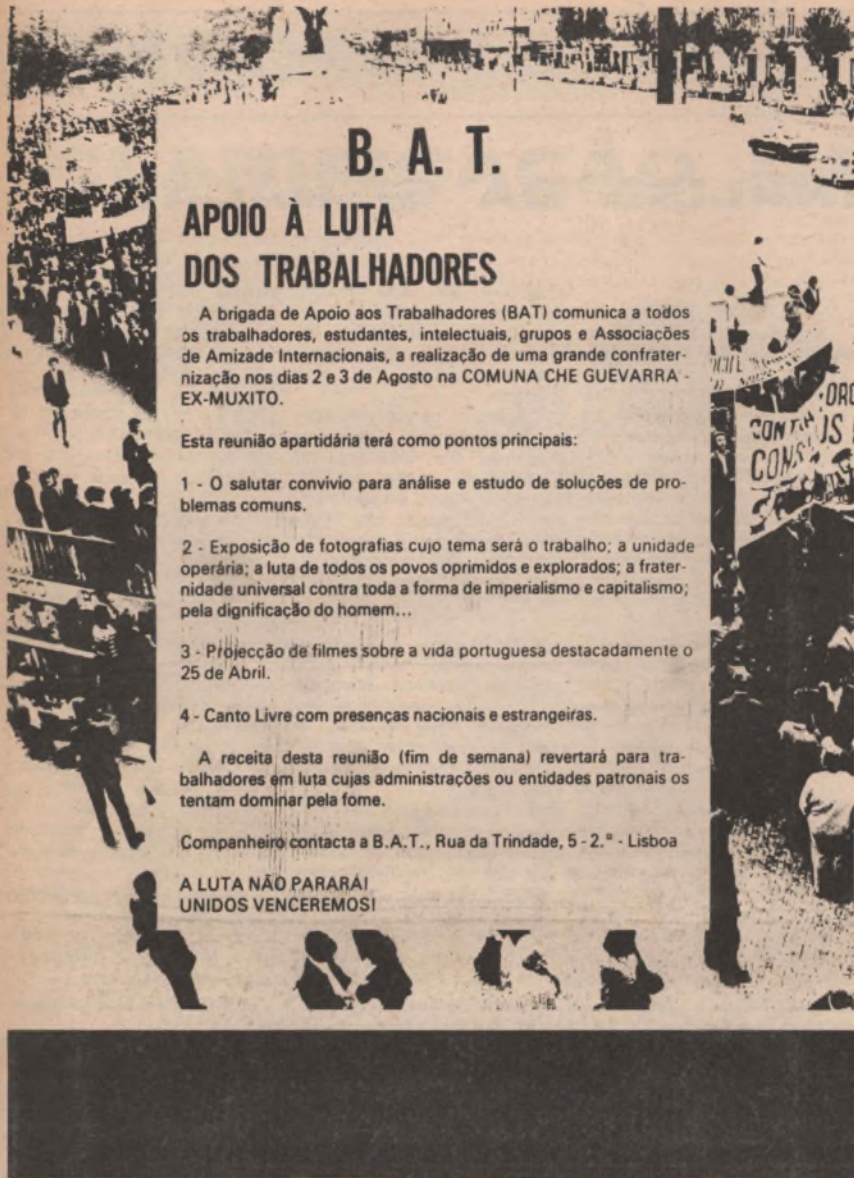
Um pouco mais à frente, e como resultado da sua tão profunda análise (...) faz um apelo - ameaça ao Mercado Comum avisando-o que devia clarificar a proposta dum empréstimo de 840 milhões de dólares a Portugal e as relações

mais directas deveriam ser condicionadas à certeza da continuação das liberdades democráticas no nosso país.

O editorialista propõe também que os Estados Unidos e a NATO façam entender a Moscovo que será responsável se os comunistas continuarem nas suas actuais posições, e que as democracias ocidentais, não podem aceitar "a imposição do comunismo em Portugal por força ou subversão".

Entretanto numa entrevista dada por Aureli Campi, actual secretário político da organização Avanguarda Operária (Itália) faz referência a umas "basólias" de Kissinger





## B. A. T.

### APOIO À LUTA DOS TRABALHADORES

A brigada de Apoio aos Trabalhadores (BAT) comunica a todos os trabalhadores, estudantes, intelectuais, grupos e Associações de Amizade Internacionais, a realização de uma grande confraternização nos dias 2 e 3 de Agosto na COMUNA CHE GUEVARRA - EX-MUXITO.

Esta reunião apartidária terá como pontos principais:

- 1 - O salutar convívio para análise e estudo de soluções de problemas comuns.
- 2 - Exposição de fotografias cujo tema será o trabalho; a unidade operária; a luta de todos os povos oprimidos e explorados; a fraternidade universal contra toda a forma de imperialismo e capitalismo; pela dignificação do homem...
- 3 - Projectão de filmes sobre a vida portuguesa destacadamente o 25 de Abril.
- 4 - Canto Livre com presenças nacionais e estrangeiras.

A receita desta reunião (fim de semana) revertará para trabalhadores em luta cujas administrações ou entidades patronais os tentam dominar pela fome.

Companheiro contacta a B.A.T., Rua da Trindade, 5 - 2.º - Lisboa

**A LUTA NÃO PARARÁ!  
UNIDOS VENCEREMOS!**

Continuação pág. 5

proletariado resolverá os problemas fundamentais deste país. E então a transformação da banca será radical e estará concertada ao serviço do povo.

Num manifesto elaborado pela comissão pró-CRTs da banca salientamos a seguinte passagem:

"O sector bancário é por natureza um sector privilegiado, logo um sector onde a pequena burguesia impera. Assim quando dizemos que os CRTs exercerão a ditadura do proletariado, esta irá ser exercida sobre a burguesia e por consequência sobre o sector bancário. Partindo deste princípio não nos parece viável neste momento a eleição de CRTs na banca, não podendo no entanto os bancários que já fizeram uma opção de classe, que estão dispostos a sujeitar-se à ditadura do proletariado deixar de se organizarem. Nesse sentido realizaram-se diversas reuniões de bancários interessados no processo de CRTs, e que

definiram como objectivos os seguintes:

- 1.º Lutar para que a banca seja controlada pela classe operária, o que será a banca é o proletariado, será ele, portanto, que trará as linhas de actuação. Nós, os bancários devemos cumprir essas linhas.
- 2.º Organizar bancários revolucionários para que lutem ao serviço da classe operária, quer controlando a actividade bancária, quer lutando com armas contra a burguesia, para a tomada do poder pelo proletariado".

#### SECRETARIADO E INTERCOMISSÕES DE MORADORES

Por lapso num número anterior do "Revolução", saiu o título "Entrevista com um membro do Secretariado das Intercomissões de Moradores". Este título que não foi redigido pelo camarada que escreveu o artigo mas sim pelo camarada que fez a paginação (e daí o erro) suscitou problemas uma vez que não existe nenhum Secretariado das Intercomissões de Moradores. Existem

dois órgãos distintos, um o Secretariado, eleito em plenário e outro a Coordenadora das Intercomissões de Moradores que, como o nome indica é constituída por delegados das várias comissões de moradores.

Resta também acrescentar que as opiniões manifestadas nessa entrevista foram as opiniões pessoais de alguns membros do Secretariado entrevistados (e entre os quais há elementos de outros partidos sem ser o PRP-BR) e não a posição oficial do Secretariado.

## PORTUGAL E KISSINGER

Continuação pág. 13

que Teria afirmado que 2.000 marines chegariam para o MFA.

Basófias, basófias, mas o importante é que são demasiadas "coincidências" e o povo português cada vez se vê mais perante uma realidade que é a de uma possível intervenção directa em Portugal por parte do imperialismo americano, o que facilmente se constata através de todas estas "coincidências".

Como vimos afirmando de há

muito para cá, o imperialismo não largará Portugal de mão beijada pois isso significaria uma vitória para o proletariado português à qual se seguiria inevitavelmente um grande avanço nas lutas por toda a Europa com iguais vitórias, e em que a questão da tomada do poder pelos trabalhadores se poria com muito mais viabilidade e certeza. O imperialismo veria então a sua influência na Europa a diminuir irreversivelmente.

### Sedes

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15  
ALGÉS DE CIMA

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, 40

ÁRGEA

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31 Tel. 2076745

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29

BRAGA — R. Santa Margarida, 169, 1.º

CARNIDE — Rua Neves Costa, 47

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10  
Tel. 2763267/2763397/2763122

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 60

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21  
Tel. 24998

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

LAVRADIO — R. Dr. José Carcano Lobo, 12

LISBOA — Sede Central do Partido  
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119  
573520  
573640

Jornal "Revolução"

Rua do Arco do Carvalho, 1, 5.º Dt.º — tel. 682323

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 39-1.º

MANGUALDE — Rua Nova, 20

MARINHA GRANDE — R. Marquês de Pompal, n.º 65

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — R. Gomes Freire de Andrade, 1 — Tel. 2474142

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, n.º 17

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 — Tel. 315759/315786

S. JOÃO DA MADEIRA — R. Jaime Afreixo, 152

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETÚBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz  
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — Rua José Espigueira — Tel. 22558

UISEU — Rua Cândido dos Reis, 55

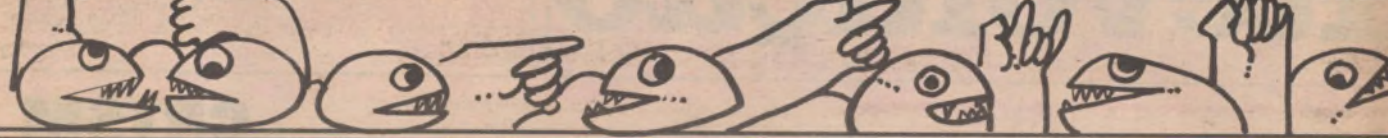
### Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68

ALMADA — R. Trindade Coelho — Cacilhas  
(a abrir brevemente)



# A SEMANA A SEMANA A SEMANA A SEMANA



## SEGUNDA-FEIRA, DIA 21

• Declaração de Melo Antunes à sua chegada de Roma após negociações com o Ministro dos Negócios Estrangeiros italiano: "Da nossa parte como já disse e reafirmo é que me parece não existirem neste momento as condições necessárias pois estamos em plena crise e há necessidade de remodelar o governo, há toda uma necessidade de estabilização da nossa vida política, e após isso, então, continuam as mesmas condições e as mesmas perspectivas abertas."

• A CEE como organização supranacional ao serviço do capitalismo, impõe condições para o auxílio económico a prestar a Portugal: segundo os princípios daquela organização o auxílio só será concedido aos regimes de democracia pluralista. São especialmente remetentes neste capítulo as posições da França e da Alemanha Ocidental. Acerca das recusas e reticências da CEE, o "Le Monde" afirma que as sanções económicas no passado tiveram na maioria das vezes o efeito contrário ao fim desejado.

## TERÇA-FEIRA, DIA 22

• Otelu visita Cuba. No Museu da Revolução leu uma mensagem onde se referiu à Revolução cubana como "feita com amor, sangue e profundo sacrifício com o povo, pelo povo e para o povo".

• Telegrama de Mário Soares a Correia Jesuino: "Tenente Almeida Emissora Nacional acaba informar Secretariado P. S. nosso comunicado não pode ser lido sem antes ser aprovado 5.ª Divisão. Perguntamos V. Ex.ª se tal informação significa foi estabelecida comissão de censura em Portugal. Agradecemos resposta a fim de conhecermos lei vive Pais apresentamos V. Ex.ª nossos cumprimentos — Mário Soares, secretário-geral P. S."

• "O P. S. tomou atitudes que, a meu ver, estão a pôr em perigo, inclusivamente, as liberdades em Portugal", afirmou Emídio Guerreiro, em entrevista concedida ao "Jornal Novo".

• Em mais uma sessão da Constituinte, se tornou patente a coligação reaccionária PS, PPD e CDS, que atacou duramente o PCP.

• O deputado da UDP atacou o P. S. dizendo que "toda a canalha

fascista se pôs debaixo do partido do Dr. Mário Soares" e acusou o PCP de ser o culpado da actual escalada de anti-comunismo, "pela constante política de tração, pelas acções anti-democráticas que tem vindo a desenvolver".

• A FNLA ameaça marchar sobre Luanda.

• O jornal brasileiro "Tribuna da Imprensa" noticia contactos de Spínola com Mário Soares.

## QUARTA-FEIRA, DIA 23

• Comício do MES.

Rogério de Jesus, na sua intervenção, insistiu em que os Conselhos Revolucionários de Trabalhadores Soldados e Marinheiros são formas incorrectas de poder popular; para ele, órgãos de soberania das massas são comissões de trabalhadores (as actuais), e lutar nas fábricas, nos quartéis, nos campos pela eleição de conselhos (órgãos de poder da classe) é uma tentativa de controlo partidário da luta de massas.

Por sua vés, Augusto Mateus afirmou:

"A escolha possível é entre a ditadura reaccionária da burguesia e a ditadura revolucionária do proletariado".

• O que será para Augusto Mateus, a Ditadura do Proletariado? Serão as Assembleias populares controladas pelos oficiais burgueses (ainda que progressistas) do MFA, organizados em ADU's?

• O que será para o MES o Exército Revolucionário?

• O P. S. e o P. P. D. decidiram que os seus filiados não participarão no V Governo Provisório, indo o P. S. ao extremo de expulsar os militantes que anuissem na participação no Governo.

• Acordado mais um cessar-fogo entre o MPLA e a FNLA.

• A reacção nos Açores apresenta-se como adepta do separatismo, sob protecção do Imperialismo Yankee, havendo boatos sobre uma possível marcha dos separatistas sobre Angra do Heroísmo.

## QUINTA-FEIRA, DIA 24

• O C. S. R. considerou como inoportuna a participação de militares numa manifestação exigindo a constituição de um Governo Revolucionário de independência nacional, apoiada pela UDP, CMLP e comissões de moradores e de trabalhadores.

• Na sequência de diversos ataques perpetrados contra sedes do P. C. P., M. D. P. e de outros partidos, foram incendiadas as sedes daqueles dois partidos, em Ansião. E de notar que a sede do P. S. não foi assaltada, apesar de ter sido cercada com a do M. D. P.

Esta escalada de violência, desencadeada por militantes do CDS, PPD, PS, ex-legionários, ex-pídes e grandes capitalistas originou um comunicado do P. C. P., saudando os "revolucionários vítimas da reacção" do oeste e Ribatejo.

• Enquanto a situação nos Açores permanece tensa e indefinida, é desencadeada uma campanha da Imprensa norte-americana a favor da "independência" do Arquipélago.

• Hélio Fernandes, jornalista brasileiro da "Tribuna da Imprensa" confirma a vinda de Spínola à Europa e seus contactos com elementos do P. S. e P. P. D., acusando Mário Soares de haver mentido quando negou estes contactos.

## SEXTA-FEIRA, DIA 25

• Nas eleições da Direcção da Arma de Infantaria em Mafra, obtiveram-se os seguintes resultados, por escrutínio secreto.

— por maioria clara, a dissolução da 5.ª Divisão

— utilidade de novas eleições de delegados à Assembleia do MFA

— natureza consultiva desta, por maioria clara

— natureza secreta das votações, por quase unanimidade

— vantagem de encontrar outra solução para o cargo de Primeiro Ministro, por maioria muito clara.

• A Assembleia do MFA, decidiu, concentrar o poder político-militar, nos generais Costa Gomes, Vasco Gonçalves e Otelu Saraiva de Carvalho. O plenário de delegados do MFA decidiu que o C. S. R., órgão com funções legislativas passasse a ser um órgão de conselho do triunvirato.

Costa Gomes defendeu nesta Assembleia que "a independência nacional não pode ser conseguida a curto prazo, por qualquer via que envolva a hostilização do Ocidente".

Estiveram ausentes diversos membros do C. S. R.: Melo Antunes, Vitor Crespo, Vitor Alves Sousa e Castro e Costa Neves.

## SÁBADO, DIA 26

• Segundo informação do "Expresso", existe um projecto em

estudo no gabinete do Primeiro Ministro, para a formação de uma Frente Unida Popular, que aglutinaria desde "franjas" do P. S. a "franjas" da UDP.

• Por ordem do C. S. R. foi passado à reserva o Capitão da Força Aérea João Oliveira, invocando-se o art. 1.º do Dec. Lei 147C-75, que preconiza o afastamento dos militares que não ofereçam garantias de fidelidade ao programa do MFA. Segundo o espírito deste decreto pretende-se sanear elementos contrários à Revolução.

Este não é o caso do Cap. João Oliveira, que tem tomado posições revolucionárias defendendo a formação de um Exército Popular Revolucionário, e dando todo o seu apoio aos CRTSM. Trata-se de um saneamento à esquerda, envolvendo todos os oficiais, ligados aos Conselhos Revolucionários, como são os casos do Tenente Guerra, Cap. Santos Ferreira e o Cap. Sobral Costa.

## DOMINGO, DIA 27

• Manifestação reaccionária promovida pelo P. P. D., na ilha da Madeira, onde foi exigida a autonomia do Arquipélago e se lançaram palavras de ordem contra a entrega da Rádio Renascença e República aos trabalhadores, assim como "Fora o Vasco e o Otelu".

A organização progressista UPM (União do Povo da Madeira) convocou uma contra-manifestação, montando barricadas nos acessos ao Funchal.

O Comando Operacional da Madeira controlou os acessos ao Funchal no que foi ajudado pela população.

## SEGUNDA-FEIRA, DIA 28

• Um membro do P. S. francês faz uma comparação entre a fase que a Revolução Portuguesa atravessa e outras situações históricas. Assim, o Sr. Orjollet escreve no "Le Monde" que a revolução portuguesa teve o seu Kornilov em Spínola e tem agora em Mário Soares, o seu Kerenski.

As massas socialistas manifestando-se violentamente, são comparadas às manifestações da burguesia de Petrogrado.

As manifestações orquestradas por Soares são muito semelhantes às que a direita chilena organizava contra o governo de Allende e termina "Kerenski tinha uniformes, Soares não os possui, eis a diferença. Quanto ao resto... Ausência de programa, "política" de grandes atitudes, um eleitoralismo

que o faz aceitar no partido, tanto os trabalhadores como aqueles que deram o seu apoio ao regime de Salazar". E termina dizendo: "E contra Mário Soares que saúdo a memória dos verdadeiros dirigentes socialistas (sublinhado nosso)".

Comentários: "A História repete-se" (Karl Marx em "O 18 de Brumário")

• Agostinho Neto declarou que os militares portugueses deveriam abandonar imediatamente o território angolano.

Paulo Jorge, representante do MPLA em Lisboa, partiu para Angola, na sequência do agravamento de relações entre o MPLA e as autoridades portuguesas.

Entretanto, a FNLA, encontra-se cercada no Caxito, por forças do MPLA.

• Suspensa a greve do Metro, decidida em 24 do corrente, concedendo os trabalhadores um prazo de 5 dias à Administração, após a nomeação de novo governo, para apresentação de contra-proposta.

## TERÇA-FEIRA, DIA 29

• Mais uma prova do enfraquecimento da FNLA ao imperialismo internacional.

Em declaração feita ao jornal cubano "Granma", Otelu Saraiva de Carvalho acusou Mário Soares de representar "uma das principais esperanças da direita" em Portugal.

Entretanto Soares apresenta um "Projecto de Governo de Salvação Nacional", onde, no seu desvario anti-comunista, afirma nomeadamente:

"A aliança PCP-MDP com as forças esquerdistas (MES, UDP, PRP-BR, LUAR) não encontrará nunca uma base de apoio popular suficiente. Implica por isso, uma política de tal modo repressiva para se poder impôr, transitóriamente, que a vitória da contra-revolução seria provavelmente uma questão de meses".

• E dos "revolucionários" do P. S., passemos aos "revolucionários" do P. P. D. Emídio Guerreiro, no seu encontro com os partidos de direita franceses, afirmou: "E preciso não esquecer que o general De Gaulle era um descolonizador e um progressista", tal qual como Spínola, como de certeza será a opinião do secretário-geral do P. P. D.

• O povo de Sintra defende a Câmara Municipal, contra uma manobra de controlo por parte de forças reaccionárias, ligadas ao grande capital e suas organizações partidárias, nomeadamente o P. P. D.



# Revolução

Directores e redacção: MIRANDELA 3 C.º - Trav. Condessa do Po. 79 - Distribuição: DIT - Rua dos Drapeis, 2 - Lisboa

## EDITORIAL

Depois da onda P. S. que arrastou variadas componentes da sociedade portuguesa desde a reacção mais sinistra até inocentes camponeses descontentes com o agravamento das condições de vida, depois da tentativa reformista de ser o leader do anti-fascismo e de estar à frente das massas (mas onde é que estavam as massas?), depois do estreitecimento militar ao longo do corpo deste país, assistimos a um impasse que se concretiza na forma triunvirato.

O P. S. português excedeu-se na sua fúria anti-comunista e demonstrou à saciedade que o que está em causa não é a sua luta contra o P. C., mas contra o comunismo; contra a ditadura do proletariado. Mário Soares em entrevista ao Expresso convida o P. C. a voltar às amizades antigas e aconselha-o a afastar-se da famigerada esquerda revolucionária. E sobretudo declara que é bom que não se constituam "brigadas revolucionárias". A direcção do P.S. faz um jogo de direita tão marcado que os próprios P.S. europeus fazem as suas críticas.

Mas a revolução socialista portuguesa não se pode fazer contra os operários do Porto e outras zonas do Norte, que aderem à posição do P. S. por falta de esclarecimento, por anti-stalinismo, por pouca implantação das organizações de esquerda. Há que travar uma batalha de esclarecimento.

Como há que ter um programa urgentíssimo para as regiões de pequenos camponeses do Norte e do Centro, fornecendo-lhes coisas concretas, palpáveis. Não se lhe pode dar mais "dinamização", sem adubos, sem máquinas, sem dinheiro. Os militares que por aí andam ficam-lhes com o vinho, com a melhor comida, com a filha. Em troca dão-lhes palavras. As botas dos militares são mais uma vez o poder dos senhores de Lisboa — para os pequenos camponeses não há distinção. E porque haviam de a fazer?

A social-democracia do P. S. não é programa para Portugal; não daria nem para três meses, com esta economia. Acabaria em fascismo a curto prazo. Mas é programa para sustentar uma luta feroz na oposição à revolução. Há que encontrar formas para que o descontentamento dos trabalhadores não encontre eco aí.

Mas também o reformismo não é programa. Um forte poder de Estado, centralizado, com controle partidário (que se transforma em policial), impondo uma política de reformas, de moderação e de conciliação com a pequena burguesia, não é solução para este país. Também isso acarretaria um golpe fascista a curto prazo.

Por isso dizemos que aqui ou o programa é revolucionário, ou as medidas são a fundo, ou o poder é dos trabalhadores, ou então o fascismo virá.

E virá brutalmente pela mão do Imperialismo.

A solução "trunvirato" não é solução. Ou seja, junta estas três tendências — social-democrata, reformista e revolucionária — consagrando o impasse. Solução grata decerto ao Imperialismo que conta com o agravamento da crise. O V Governo Provisório (que será o mais curto) é mais uma vez um governo de conciliação. Para não governar.

Entretanto a C. E. E. faz chantagem e o governo português entra na chantagem. A união Soviética espera Helsínquia para dar a sua ajuda. Portugal depende e não traça um caminho independente; a economia afunda-se.

E perguntar-se-á: qual é o plano dos sete ausentes da Assembleia do MFA? Em que se baseiam, que força têm? É uma incógnita na situação política portuguesa.

As ondas de boatos desencadeadas para fins distintos, mas sempre para manejar a situação, causam desgaste e perturbam a situação militar. Este exército não é um exército revolucionário, mas uma estrutura híbrida, feita de burgueses e de proletários, de revolucionários e de conservadores. Quanto mais tempo corre e as tensões se acumulam mais as contradições saltam dentro do exército.

Só há uma solução: é que os trabalhadores se organizem para avançar na conquista do poder, procurando os seus aliados dentro do poder político-militar e obrigando-os a fazer a ruptura que já tarda.

## 2º congresso nacional

A situação económica agrava-se dia a dia. As classes trabalhadoras, e em especial os camponeses não obtiveram com o 25 de Abril, e até agora, qualquer benefício de modo a conquistá-los para o campo da revolução.

O número de desempregados aumenta de maneira assustadora sem que nada se faça para a criação de novos postos de trabalho. Claro que a caminhar-nos neste terreno de indefinição total não se encontrarão saídas para estes problemas. Tal acontece porque se continua a insistir numa política governamental de conciliação de classes. Não basta dizer que se está do lado das classes trabalhadoras. Há que tomar medidas enérgicas e urgentes, através de uma reforma agrária adaptada às várias regiões do país, com auxílios efectivos (adubos, máquinas, etc.) aos pequenos agricultores; nacionalizando sem indemnizações as multinacionais e outras empresas, tudo dentro de uma planificação revolucionária ao serviço das classes exploradas.

As crises políticas que se têm sucedido são resultado duma política pequeno-burguesa incapaz de conciliar os seus interesses de classe com os do proletariado.

A reacção interna e o imperialismo explorando a degradação económica jogam com o descontentamento das massas trabalhadoras, que saturadas das lutas partidárias sem verem resol-

vidos os seus problemas mais urgentes (alimentação, saúde, habitação, etc.) passam a não acreditar mesmo nas forças mais progressistas, favorecendo o avanço da contra-revolução.

É perante esta situação que cada vez mais se impõe à classe operária, e a todos os revolucionários deste país (civis e militares), como única saída para ultrapassar esta crise, A FORMAÇÃO DE ORGANISMOS AUTÓNOMOS APARTIDÁRIOS como são propostos no documento-guia aprovado pela Assembleia do MFA.

São estas organizações a única forma de evitar a recuperação pelas forças de direita de todo o processo e ao mesmo tempo levar a classe operária ao poder.

Esta é também a proposta do Secretariado Nacional Provisório Pró-Conselhos Revolucionários aprovada em Congresso Nacional em 19 e 20 de Abril último.

Pensa este Secretariado que é urgente concretizar este projecto abrindo um grande debate que terá por tema-base o Documento-Guia do MFA e para isso marcou o seu 2.º Congresso Nacional que terá lugar nos próximos dias 2 e 3 de Agosto, pelas 14 horas, no INSTITUTO SUPERIOR TECNICO (Alameda Afonso Henriques) para o qual se convidam todas as Comissões de Trabalhadores, todas as Comissões de Moradores, todos os trabalhadores em geral, todas as

## CRTSM

organizações e partidos políticos que organizem trabalhadores, todas as unidades militares.

A ordem de trabalhos proposta é a seguinte:

- 1) Informe do Secretariado Nacional.
- 2) Análise da situação política, económica e militar.
- 3) Formas de organização da classe para a tomada e exercício do poder (análise do Documento-Guia aprovado em Assembleia do MFA):
  - a) A Ditadura do Proletariado.
  - b) A questão do partidismo dos CRTSM.
  - 4) Coordenação dos CRTSM e linhas gerais de actuação — tática e estratégia.
  - 5) Tarefas imediatas:
    - a) Reorganização dos órgãos dos CRTSM.
    - b) Eleição dos CRTSM.

CAMARADA, não deixes que as forças reaccionárias e burguesas te desmobilizem.

A tua luta tem de ser feita por ti. Comparece e participa.

PELA ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES  
PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA  
PELA DITADURA DO PROLETARIADO.

Lisboa, 28 de Julho de 1975

O Secretariado Nacional Prov. Pró-CRTSM

## VITÓRIA DOS REVOLUCIONÁRIOS MAIOR RESPONSABILIDADE PARA A DEFESA

Durante a noite de 30 foi detectada pelos militares dos comandos da Amadora uma reunião suspeita na qual participavam oficiais daquela unidade e um indivíduo civil estranho à unidade. Na sequência da vigilância que foi feita, os militares daquela unidade resolveram durante a madrugada de 31 prender os oficiais em questão os quais se contam Jaime Neves, Zlobato Faria e outros (alferes e capitães). Como alguns moderados propusessem que nenhuma resolução fosse tomada sem ouvir (quando o sentido da reunião era por demais conhecido) a questão foi posta à assembleia geral da unidade (soldados, sargentos e oficiais) e trezentos militares votaram por unanimidade não chamar os presos.

Durante a mesma madrugada o general Otelo deslocou-se àquela unidade e deu aos presos guia de marcha para o Quartel general.

A saída Jaime Neves vociferava e ameaçava juntar-se aos ELP's e «vir por aí abaixo». Este acto revolucionário dos militares dos Comandos acaba com uma certa inquietação que ia naquela unidade, fomentada por reaccionários. É um acto de poder dos proletários do exército.

Mas há que pensar seriamente que vai arrastar represálias e que vai açugar a guerra contra os revolucionários. Estes têm portanto que estar preparados para a defesa e para o ataque. Não há tomada de poder sem guerra, mesmo que seja pequena.